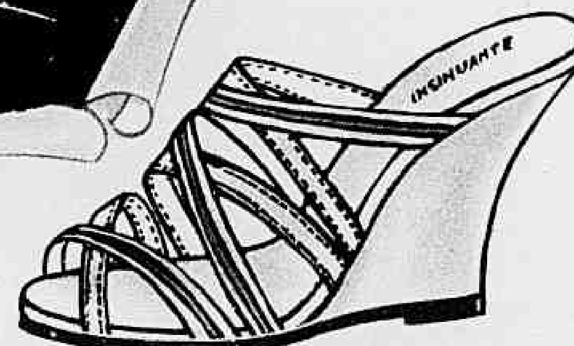

A
CENA

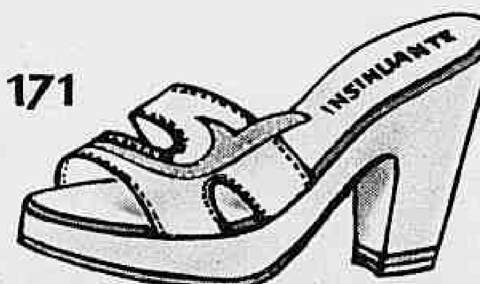




169



170



171

169 Cr$ 200,00 e 250,00 — Respectivamente em uma só côr, (verniz prêto, pelica branca ou vermelha) em pelica branca com guarnições de pelica ouro. Lnidíssimo!... Uma maravilha!...

170 Cr$ 200,00 — Uma verdadeira obra de arte! Camurça branca, pelica côr de sangue ou envernizada. Um verdadeiro encanto!...

171 Cr$ 200,00 — Um tamanco delicado e maravilhoso! Em veraiz com guarnições branca e vice-versa. Elegantíssimo!...

insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMÉRICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.

A.T. SEMOO/.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

Remetemos para todo o Brasil porte por par Cinco cruzeiros. Não fazemos reembolso postal.

A CENA MUDA

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Secretário
Oswaldo de Oliveira

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

Desenhista
Luiz Lléo Sampaio

Nº 1, em 6/1/1954

CINEMA

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

Shakespeare no cinema ... 4/ 7
Curiosidades e «close-ups». 10/11
Entre duas guerras 22/23
Noelia Noel conta a sua carreira 31

SESSÕES PERMANENTES

Comentários de abertura .. 3
Segredos da tela 8/ 9
Cinema brasileiro 12/14
Pré-estréias 15
«Ballet»: Ludmilla Tcherina 16/17
A novela das imagens: — «Ataque às fortalezas» .. 18/21
De todo o mundo 26/27
Cartazes em revista 28/29
Rádio 31
Teatro-Música 33
Página do leitor 33

PAGINAS ESPECIAIS

Rhonda Fleming 25

A NOSSA CAPA

SHELLEY WINTERS
(«estrêla» da Universal)

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15
Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES

Publicidade 22-9570
Redação 22-4447
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Endereço Telegráfico: «REViSTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda:
A. Zambardino
Rua Capitão Salomão, 69
Telefone: 34-1569

PREÇOS

	Cr$
Número avulso em todo o território nacional	4,00
Número atrasado	4,50
Assinatura anual (52 números)	200,00
Assinatura semestral (26 números)	100,00
Assinatural anual sob registro	230,00
Assinatura semestral sob registro	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	180,00





Ingrid Bergman, Hedy Lamarr e Joan Crawford: em breve no Brasil.

OS DOIS GRANDES ASSUNTOS DO MOMENTO

Dois temas máximos estão sendo alvo de atenções gerais. Um dêles tem âmbito internacional: o grande Festival do IV Centenário da Fundação de São Paulo. Com data marcada para ser iniciado a 12 do próximo mês de fevereiro, vem causando grande expectativa, no país e no estrangeiro. Esta será a primeira vez que o Brasil organiza um festival de longa metragem. No campo de curta metragem, já foram efetuados três. Houve o de filmes curtos em geral, promovido em 1950 pelo Circulo de Estudos Cinematográficos e o 1º e 2º Festivais Mundiais de Filmes de Dança, patrocinado o primeiro pelo Ministro Simões Filho, Instituto Nacional de Cinema Educativo e Prefeitura Municipal e, o segundo, pelo Teatro Municipal, no Rio, e Museu de Arte Moderna, em São Paulo, respectivamente, nos anos de 1952 e 1953. Conforme os leitores de "A Cena" terão oportunidade de conhecer, na ampla reportagem, que será publicada na próxima edição, grande número de famosos "astros" e de célebres obras do cinema, que estavam sendo sonegadas para com o grande público, serão vistas no referido festival. Aliás, cumpre desde já, avisar aos distintos leitores desta revista que, no decurso do referido festival, será mantido um amplo serviço informativo, com reportagens especiais e entrevistas com todos os expoentes que nos visitarão. A outra nova, de amplo alcance para o cinema nacional, será a promulgação do ato que cria o novo Instituto Nacional do Cinema, cujo projeto, elaborado há anos, sòmente agora vem de ser concluido, nos seus diversos tramites da Câmara Federal. No momento em que é inegável uma crise no cinema brasileiro, muito se poderá esperar do órgão que, segundo tudo leva a crer, será realmente criado, como um dos atos inaugurais do Festival do IV Centenário de São Paulo.

OSWALDO DE OLIVEIRA

Laura Hidalgo, Brenda Marshall e Joan Fontaine, outras próximas visitas ao país.





«A CENA» AGRADECE

Esta publicação sente-se honrada em agradecer diversos cumprimentos enviados pelas passagens das festivas datas de Natal e de Novo Ano: — Do exterior, França: a Unifrance Filme e saudações autografadas de Simone Simon; Martine Carol; Dany Robin; Giselle Pascal; Françoise Cristophe, e do casal Simone Signoret-Yves Montand. Do nosso país: a União Cinematográfica Brasileira; Gérard de La Villesbrunne (Embaixada da França, Secretário-Imprensa); Metro Goldwyn Mayer do Brasil; R.K.O.; Universal; Paramount; Art Films; Pel Mex; Republic; Dipa Filmes; França Filmes; Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Sociedade de Compositores e de Editôres de Música; Sociedade de Beneficência e Socorros Mútuos dos Auxiliares da Imprensa; Ballet da Juventude; Teatro da Coruja; Grupo Colaboradores do Turismo; Casa São Luis da Velhice; Rádio Eldorado; Rádio Nacional; Vocalistas Tropicais; Oscarito e Família; Marlene; Emilinha Borba; Haroldo Eiras; Rádio Mauá (Dantas de Andrade); Patricia Lacerda; Renée Bell; Abi Detcher; Vera versões Públicas; Jorge Higino; Braz Sampaio; Luci Ottati, chefe do Serviço na Censura Federal, de Diversões Públicas; Jorge Higino; Baz Sampaio; Luci de Figueiredo; Ana Teresa e Luis Piccini.

SHAKESPEARE

«Hamlet», uma obraprima e filme antológico.



Laurence Olivier, o maior vivificador das obras de Shakespeare na tela, passou à história do cinema com os seus grandes filmes e, entre êles «Henrique V», uma excepcional revivescência.

O cinema foi, desde suas origens, a mais popular das artes. Já em 1906 o público acorria para as salas de projeção, instaladas em barracas de lona, trazendo bom lucro aos produtores. Essa época marcou uma evolução sensível na melhoria da qualidade dos filmes. A película de maior sucesso, então, era a «Paixão de Cristo», cujas cópias vendiam-se aos milhares, enquanto se projetavam novas versões.

O cinematógrafo não era mais que um meio de registrar interpretações, de «gravar» o teatro. E o gôsto do público ia para os filmes de montagem rica, de roupagens e cenários faustosos. Compreendendo isto, a companhia produtora Pathé e seus concurrentes elaboraram uma nova fórmula de cinema, que foi um triunfo, imitada em todo o mundo, e que se chamou — traduzindo livremente — o Filme de Arte.

Esta escola se dedicou, sobretudo, a adaptações de peças teatrais, e é aí que Shakespeare entra em cena. Já em 1900, a célebre Sarah Bernhardt havia interpre-

NO CINEMA

Por **MARIA LUIZA**
(exclusivo para A CENA)



rosa figuração. Nova versão de «Macbeth», rodada em 1912, custou à Cinès 10.000 dólares.

Ainda em 1909 a Vitagraph americana prosseguiu seu programa shakespeareano, fazendo realizar «Macbeth», «Ricardo III», «Antônio e Cleópatra», e «Júlio César». Na França, o famoso ator Mounet Sully interpretou, frente à câmara, uma réplica ao «Macbeth» americano.

Em 1910 o cinema dinamarquês, apreciador dos finais trágicos, começou a adaptar Shakespeare. Os filmes daneses da Nordisk tinham uma forma ainda muito primitiva. «Hamlet», dirigido por Augustus Blom e interpretado por Einar Zangenberg e Alwin Neuss, foi rodado no cenário natural do autêntico castelo de Elsinore, circunstância que valeu grande sucesso ao filme, notadamente na Inglaterra.

O Film d'Arte Italiano produziu, em 1910, adaptações pomposas, pesadas e sem grande originalidade: «Otelo», «O rei

«César e Cleópatra»: Vivien Leigh e Claude Rains.



tado, por mímica, um «Hamlet» para o cinematógrafo.

A partir de 1908, houve uma multiplicação de filmes adaptados de peças de Shakespeare. Nesse ano, «Romeu e Julieta» foi filmado na Inglaterra, pela Gaumont, e nos Estados Unidos, pela Vitagraph. As fotografias dessa última versão são bastante pitorescas, com a cama de Julieta ornamentada com um gigantesco V, propaganda econômica para a companhia produtora. Também o duelo, entre Romeu e Teobaldo, numa «praça pública de Verona» foi filmado num popular recanto do Central Park de Nova York.

A Itália, com o gôsto do espetacular que caracteriza suas primeiras produções cinematográficas, realizou, nesse mesmo ano, um «Hamlet», dirigido por Luca Comerio, antigo operador de atualidades. E no ano seguinte, a Cinès produziu duas obras de Shakespeare, dirigidas por Mario Caserini: outro «Hamlet» e um «Macbeth». Para êsses filmes, rodados em monumentais cenários naturais, foi recrutada nume-



«Romeu e Julieta». O grande ator Leslie Howard e a sonhadora Norma Shearer deixaram saudades.

SHAKESPEARE (CONT.)

Lear» (dirigido por Giuseppe de Liguoro) e «O mercador de Veneza».

Em 1911, Louis Parker dirigiu, na Inglaterra, «Henrique VIII», rodado nos estúdios da Ealing. A peça tinha sido montada no His Majesty's Theatre, pela companhia de Sir Herbert Beerbohm Tree, famoso trágico, cuja popularidade se igualava à que hoje desfruta Sir Laurence Olivier. O filme propunha-se a registrar, para a posteridade, o notável trabalho de Sir Herbert Tree, e aproveitou os cenários e costumes do His Majesty's Theatre.

Nesse e no ano seguinte, a Cooperative Co. filmou, em Stratfordon-Avon, quatro obras de Shakespeare, interpretadas por F. R. Benson e sua troupe: «Macbeth«, «Ricardo III», «The taming of the shrew» e «Júlio César». «Ricardo III», conservado pela cinemateca inglêsa, exibe uma técnica cinematográfica tão primitiva quanto a de Meliès. A câmara fixa é colocada em frente aos atores, vistos de corpo inteiro. A tela transformava-se num palco de teatro.

Em 1912 a Alemanha lançou-se na aventura. A Cia. Indústria do Filme de Heidelberg realizou, nos castelos do Reno, adaptações de tragédias de Shakespeare, como «Macbeth», interpretadas por atores londrinos.

No ano seguinte, a Inglaterra anunciava uma dispendiosa versão de «Hamlet», cujo custo foi a 250.000 francos-ouro. Especialmente para o espetacular filme, fêz-se erguer «sôbre os penedos de Lulworth Cove um magnífico castelo, réplica exata da antiga mansão, que ainda existe na Dinamarca. Sem medir despesas, os construtores se aplicaram em fazer antes de tudo uma cópia exata do modêlo original». O filme, que rivalizava com a versão dinamarquesa, foi dirigido por Cecil Hepworth, e interpretado pelo famoso Forbes Robertson.

Em 1914, a Triangle Fine Arts, companhia americana fundada por David Griffith, Thomas Ince e Mack Sennett, realizou, sob a direção de John Emerson, «Macbeth», com o grande ator inglês Sir Herbert Tree, que já havia sido Henrique VIII para o cinema, 3 anos antes.

Durante a guerra, em 1916, a sedutora «vamp» Theda Bara transformou-se numa ingênua de 15 anos, interpretando, para a Fox, «Romeu e Julieta», ao lado de Harry Hilliard, numa realização espetacular, que mobilizou 2.500 figurantes. Alguns anos mais tarde, a Metro, em réplica à Fox, realizou outro «Romeu e Julieta».

Em 1920, na Alemanha, a famosa atriz Asta Nielsen desempenhou, travestida, o papel de «Hamlet», um impressionante trabalho, na versão dirigida por seu marido, Sven Gade. Êsse filme encerrou a carreira de Shakespeare no cinema silencioso.

Já agora Griffith revelara as possibilidades imensas do cinematógrafo, Ince as planícies sem fim do oeste, enquanto o cinema alemão mergulhava as telas do mundo em suas noites de sortilégio, povoadas de sonâmbulos e vampiros. A moda do teatro filmado caiu.

E para o cinema, Shakespeare só ressuscitou no sonoro, quando os filmes ou falavam muito, ou cantavam demais. Douglas Fairbanks pai ousou transpor à tela a versão dialogada de «The taming of the shrew», em 1929. Poucos atores de cinema mostraram tanta coragem de suas

A mais famosa das personagens de Shakespeare, Hamlet, encontrou um intérprete genial em Laurence Olivier.



convicções quanto o velho Douglas. Êle encarnou Petrucchio como desempenhou seus outros papéis, de herói-galante; e conseguiu manter dignidade de atitude ainda assim. A seu lado, Mary Pickford, então sua espôsa, aparece apagada, neutralizada pela presença da personalidade fascinante de seu marido. O filme foi, entretanto, tìpicamente comercial; apenas uma excelente diversão, sem ser cinema brilhante.

Em 1935 o grande homem de teatro Max Reinhardt produziu, para a Warner, «Sonho de uma noite de verão», com texto de Shakespeare e música de Mandelssohn. Os bailados do filme foram marcados por Bronislava Nijinska, irmã do célebre bailarino. Alguns atores iniciaram uma carreira de sucesso com êsse filme: Olivia de Havilland, Dick Powell, Mickey Rooney.

No ano seguinte, George Cukor dirigiu para a Metro a famosa versão de «Romeu e Julieta», com Leslie Howard, Norma Shearer e John Barrymore. Georges Sadoul, o eminente crítico francês, qualificou o filme de Cukor de «carnavalesco» e de «um mau gôsto imperdoável».

Ainda em 1936, Paul Czinner dirigiu, na Inglaterra, «As you like it», tendo por intérpretes, sua espôsa Elizabeth Bergner, e Laurence Olivier.

E Olivier estreou como diretor em 1944, realizando uma esplêndida versão cinematográfica de «Henrique V». Feliz combinação, onde êle pôs ao serviço do teatro todos os meios de que dispõe o cinema. Para seu filme, Olivier inspirou-se de miniaturas francesas e pinturas italianas do século XV, e usando sàbiamente o «technicolor», conseguiu quadros de grande beleza.

Em 1948, duas peças de Shakespeare, «Hamlet» e «Macbeth», foram levadas à tela, em versões de características diametralmente opostas. O «Hamlet», de Laurence Olivier, primou pelo bom gôsto,
(Cont. na pág. 34)



Cena de «Macbeth», espetacular, mas cinematogràficamente incompleto.

Outra personagem famosa, Macbeth, a discutida composição de Orson Welles.



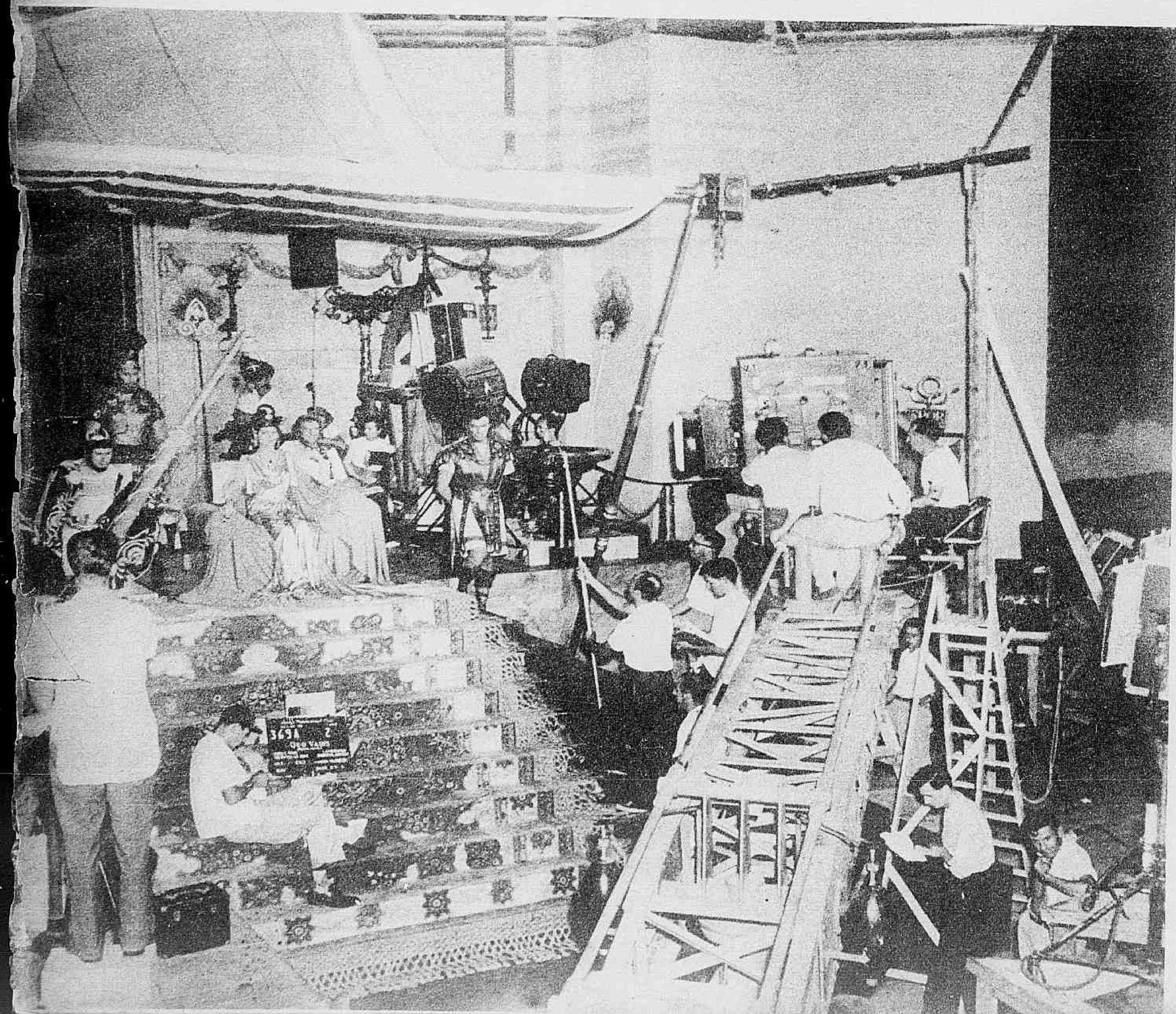
A mais glorificada das heroínas de Shakespeare a doce Ofélia (Jean Simmons), na cena da morte



SEGRÊDOS DA TELA

Por "LONG-SHOT"

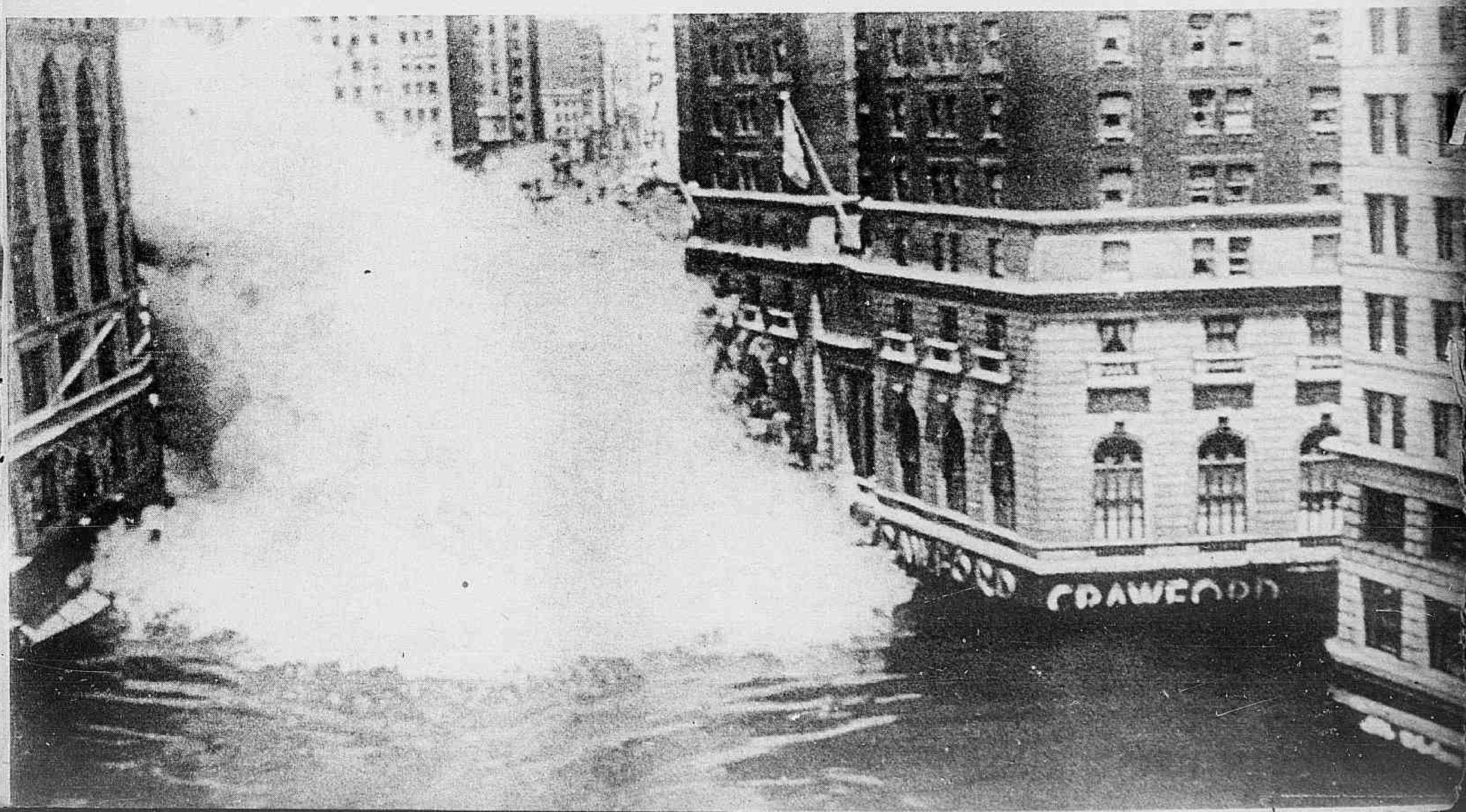
Diversas revelações na foto. 1) — O que na tela sugere perfeita mente o fausto de um palácio, não passa de um modesto telão pintado. O toldo, então, foi sustentado de qualquer maneira, conforme-se poderá observar; 2) — Vê-se a porção terminal de uma das «grues» menores (deslocações da máquina no espaço, em grandes porporções, já foi visto, na «A Cena» 50); 3) — Dois diferentes microfones são sustentados por dois auxiliares técnicos; 4) — Em primeiro plano, sentado na escada, o encarregado da numeração das cenas acaba de escrever o «take» a ser rodado. Apesar dêste último trabalho ser muito simples é o que permite, após a filmagem, a coordenação para o «montage». Embora no Brasil isto sempre aconteça, em todos os grandes centros tôdas as cenas obedecem a um intocável roteiro e, além do mais, as principais tomadas têm a sua composição plástica prè viamente sugerida por eméritos especialistas. (Cena de filmagem de «Quo Vadis», da Metro).



Com pouca coisa, no tocante à cenografia, têm-se a ilusão (geralmente perfeita) das mais fantásticas florestas. Conforme está parece demasiadamente fraco o ambiente. Entretanto, os recursos de iluminação ainda não foram postos em uso. Na parte superior da «floresta» os leitores poderão ver os refletores montados, prontos para crescer a ilusão. E, a atmosfera interna do cinema é assim mesmo, pequenos sonhos, em choque com a realidade.



Para cenas como esta, em lugar das pequenas miniaturas (ou «models») de apenas centímetros, usa-se um espaço bem maio. Entretanto, ainda assim, a área a ser filmada não ultrapassa das dimensões de um pequeno quarto, de cêrca de 3x3. Os «models» se tornam, nas mãos dos técnicos, semelhantes aos brinquedos. São trocados de posição inúmeras vêzes, com a diferença, apenas, de que êles visam a perspectivas para as lentes de aumento. Entretanto, não deixa mesmo de ser engraçado assistir a filmagens de cenas semelhantes conforme nós tivemos oportunidade de presenciar.



Curiosidades

EXCENTRICIDADES ENTRE OS DIRETORES DA TELA

De M. B. exclusivo para «A CENA»

Cada louco tem sua mania: o pessoal de cinema também. E é assim que figuram, em seus filmes, detalhes que passam despercebidos do público. Para êles têm um significado todo especial.

Por vêzes buscam a magia: o eterno "dar sorte". Outras vêzes, para pregar peças em seus colegas.

Alguns diretores gostam de aparecer em seus filmes, ainda que por um curto instante. Dêstes, o mais conhecido é Hitchcock. Se o "fã" prestar atenção, poderá reconhecer sua rotunda silhueta, atravessando uma rua deserta, na cena inicial de "A tortura do silêncio"; ou cruzando numa rua, com Jane Wyman, em "Pavor nos bastidores". Ou, ainda, saindo de um elevador em "Quando fala o coração".

Também Jean Renoir, por muito tempo apareceu em seus filmes, interpretando mesmo papéis importantes. E, ainda recentemente, o diretor francês, Louis Daquin, desempenhou uma "ponta" em seu filme "Le point du jour".

Outros se fazem representar por membros de sua família. Dusty Anderson é considerada pelo diretor Jean Negulesco, seu marido, o "amuleto" de seus filmes. Ela aparece em todos êles, estando Negulesco disposto a todos os sacrifícios para não dispensar sua colaboração. Em "The big fall" ela interpretava, segundo os têrmos da publicidade do filme, uma "respeitosa" e parisiense!

Quando, em 1942, Peggy Moran tornou-se Mrs. Henry Koster, abandonou sua carreira de atriz. Em compensação, obteve a promessa do marido de que ela figuraria em todos os seus filmes, de uma forma ou de outra. Em um dêstes, ela apareceu... num quadro — !... — enquanto que em, "Falam os sinos", figurou sob os traços de uma estátua!

O famoso Henri-Georges Clouzot segue êsse exemplo, dando pequenos papéis à sua espôsa Vera. No seu último filme, "Le salaire de la peur", que está fazendo carreira triunfal nos Festivais da Europa, Vera desempenha uma "ponta". E essa já é a segunda vez que enfrenta a câmara. A primeira foi em "Voyage au Brésil", o diário de viagem da lua-de-mel de ambos, não terminado.

Há até um diretor que não realiza um filme sem que, em pelo menos em uma cena, figure o retrato da espôsa.

Também o falecido Walter Huston aparecia em quase tôdas as películas que seu filho, John Tuston, dirigia, ainda que por um breve momento. Em "Relíquia macabra", Walter Huston era assassinado no escritório de Humphrey Bogart, papel em que êle apenas pronunciava, — ou melhor, balbuciava — algumas palavras.

Os filhos de Jacques Becker apareceram todos em "Eterna ilusão", nas cenas dos cabarés de Saint Germain-des-Prés.

Charles Chaplin, um exemplo mais recente, fêz aparecer tôda a sua numerosa família em seu último filme, "Luzes da ribalta". Seu irmão, seus dois filhos rapazes, filhos de Lita Gray, e três menores, da sua atual espôsa, Oona O'Neill.

Antigamente, era hábito convidar-se os amigos para fazer figuração no cinema, sobretudo se não eram atores. Foi o que fêz René Clair, que reuniu em seu "Entreato" (1924) diversos nomes hoje ilustres, das artes francesas: Marcel Achard (teatrólogo e diretor de cinema), Georges Auric e Erik Satie (compositores), Georges Charensol (crítico), Man Ray (diretor), e Francia Picabia (escritor).

Os tiros do mocinho: pistoleiros tão famosos quanto irreais. Poucos tiros e todos morrem.



e "Close-ups"

Um dos marinheiros de "Fièvre", de Louis Delluc, era o conhecido crítico de cinema francês, Léon Moussinac.

Muitas vêzes, os cenaristas quando têm que batizar pessoas ou estabelecimentos, escolhem nomes de colegas. Em "Meu amigo, Amélia e eu", um automóvel pára na porta de uma loja com a seguinte tabuleta: "Encadrements Maison Bac". É que o operador do filme chama-se André Bac, e assim brincavam com o enquadrador das imagens...

Em "Conflitos dalma", num registro de uma casa de penhor, que Humphrey Bogart consulta, pode-se ler o nome de todo o pessoal técnico da película...

Com John Ford, na sua própria vida real, (Sean O'Fearna, o herói de "Depois do vendaval" chama-se Sean. E a obra tem algo da vida de seu autor, pois foram fixadas curiosas reminiscências do grande cineasta.

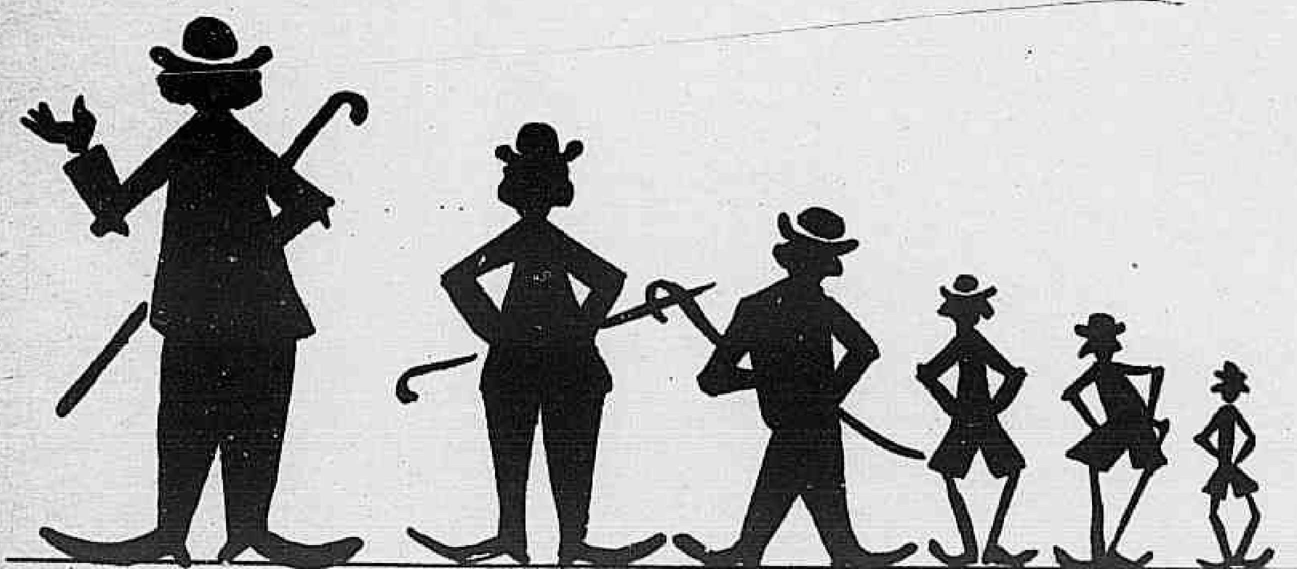
Essa questão de batismos faz surgir mal entendidos. Na França, quando do lançamento de "Loucuras de uma época", o sr. Louis Chacaton, chefe do Serviço Central das emissões artísticas da Radiodifusão francesa, entrou com uma demanda judiciária exigindo a troca do nome de uma das personagens do filme, julgando-o alusivo à sua pessoa. Entretanto, o Chacaton do filme era barbudo e púdico. O verdadeiro sr. Chacaton afirma que não é nem uma coisa, nem outra. Seria mera coincidência?

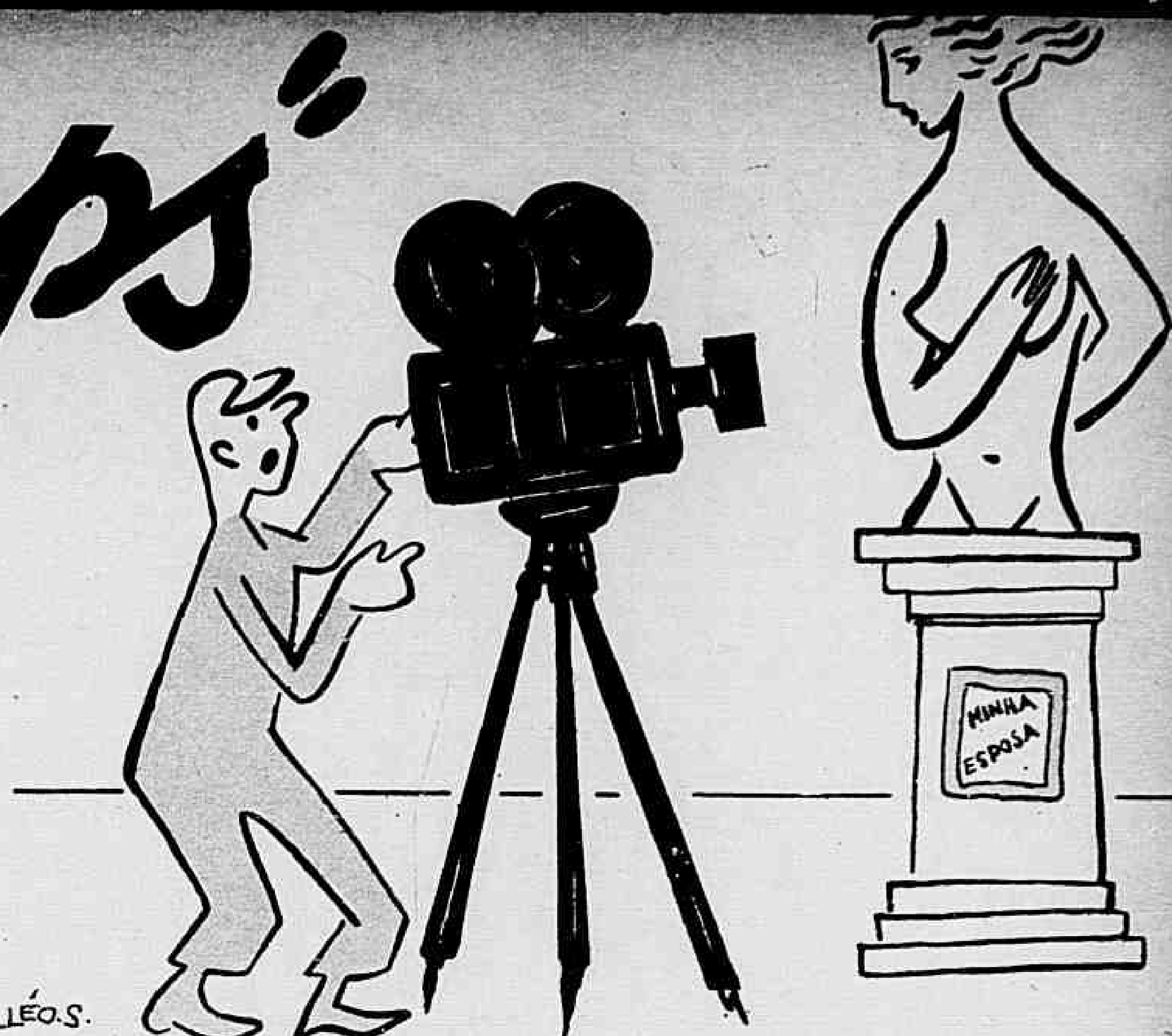
Ainda para dar sorte, fazem os diretores figurar nos filmes, objetos, talismãs, alguns de valor histórico. Assim, os quadros que ornavam as paredes do apartamento de Claudette Colbert em "Bride for sale", foram pintados por ela mesma. Aliás, a pintura é o passatempo predileto da "estrêla".

Em "Sob o signo de Capricórneo" apareceu uma verdadeira preciosidade: uma carruagem que realmente pertenceu a George V, da Inglaterra. Um barco construído em 1925 para "O pirata negro" de Douglas Fairbanks pai, foi pilotado pelo capitão Walter Mitty (Danny Kaye), num dos episódios de "O homem de oito vidas".

O revólver que Gregory Peck usou em "O matador" é o mesmo com que, há quinze anos atrás, George O'Brien vencia os bandidos em "Riders of the purple saga".

Expressões da família de Carlitos estão comparecendo, em larga escala, nos seus filmes. Em «Luzes da Ribalta», o último, nada menos do que cinco.





A origem das calças largas de Carlitos partiu da brincadeira de vestir as de «Chico Boia», a fim de verificar «como ficava».

Não foi um acidente fortuito que fêz com que Cecil De Mille batizasse o navio-negreiro de "Os inconquistáveis" de "Star of London". O primeiro De Mille, que vindo da Holanda, desembarcou na América em 1658, tinha feito a travessia num veleiro dêsse nome.

Para terminar, há a conhecida história das calças que Carlitos usava em suas velhas comédias. Conta-se que certo dia, o franzino Carlitos tomou emprestadas as calças do imenso Chico Bóia, e gostando do efeito cômico causado pela desproporção, adotou o traje. Mas existem muitas outras versões que explicam a criação da indumentária do vagabundo.

Geralmente inconseqüentes, êsses detalhes muitas vêzes se tornam históricos, quando a personagem em questão é ilustre. E passam a figurar nas curiosidades, lendas e mitos, que o cinema tem sido tão pródigo em criar.

O sortilégio dos diretores que insistem que a figura da espôsa (freqüentemente provisória) figure, de qualquer forma, nos filmes, seja em retratos ou em fotos...



CRISE NO CINEMA BRASILEIRO

AS PALAVRAS DE FRANCO ZAMPARI, PELA VERA CRUZ E GUIDO SONINO, PELA MULTIFILMES — "A CENA" APURA, EM SÃO PAULO, A CRISE, SUAS ORIGENS E POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO

De SANIN, exclusivo para A CENA

O país via crescer sua produção cinematográfica em moldes industriais. Porém, correu a triste notícia: "O cinema brasileiro e particularmente o paulista está em crise". Nas reuniões plenárias do 2.º Congresso, diante de representantes das principais produtoras, falou-se e insistiu-se muitas vêzes "na delicada situação que atravessam os estúdios bandeirantes". A esta afirmação não houve contestações. É realmente doloroso para todos aquêles, que viam os sucessos nacionais e internacionais que os nossos filmes começavam a alcançar, a efemeridade da nossa indústria.

A crise foi muito estudada no 2º Congresso Nacional do Cinema Brasileiro. Alberto Ruschel preside os trabalhos. De pé, Paulo Ruschel, que criará na tela o papel de «Sertanéjo».





A crise não é tão séria no Rio. Carlos Alberto e Dóris Monteiro, no filme de Alex Viany, «Rua Sem Sol», a ser lançado brevemente nas telas dc Rio.

A FALTA DO FILME VIRGEM

Uma das circunstâncias que, talvêz, leve à paralização total, os estúdios brasileiros é a falta de filme virgem. Com a desvalorização do cruzeiro e as dificuldades de importação, conseqüente das novas diretrizes econômicas, resultou a escassez desta matéria prima indispensável à indústria cinematográfica, assim como a elevação de seu preço. Pleiteam os cineastas, para a mesma, isenção de direitos alfandegários e a inclusão dêste artigo entre aquêles classificados na primeira categoria, gozando privilégios para importação. Não se justifica, realmente, que o cinema, cujo ciclo industrial se inicia no Brasil, abrindo novos horizontes para a nossa economia, seja repelido de maneira tão flagrante.

FALA ZAMPARI

Franco Zampari, presidente da Vera Cruz, no Rió, trava uma batalha pela sobrevivência da Companhia. Bastante empenho proporcionou ao país os primeiros filmes. Levou para além de nossas fronteiras os nossos hábitos e nossa história. Com tudo isto, fala-se agora, em transformar esta emprêsa em organização para-estatal, isto é: uma entidade que o govêrno dominaria, com 51% das ações. Esta medida será a tomada a fim de evitar que particulares viessem a dominá-la.

O que levou a Vera Cruz a êste ponto foi em parte, a falta da organização financeira. Os filmes saiam-lhe caríssimos e o mercado, não era, na maioria das vêzes, suficiente para cobrir as despesas da confecção de uma película.

Outra solução que chegou, inacreditàvelmente, a ser ventilada consistiria no desmembramento da companhia. Esta venderia seus estúdios ao Govêrno Federal, por uma quantia estipulada e se tornaria uma produtora que alugaria as instalações que ora lhe pertencem para a realização de suas fitas.

Além de Cavalheiro Lima, diretor de publicidade da referida companhia ter negado êstes fatos. Franco Zampari, presidente da

Uma equipe da Vera Cruz prepara-se para filmar um «take» de «Na Senda do Crime», filme policial.



CRISE NO CINEMA BRASILEIRO



Taís Bellini acaba de ser contratada por novel produtora do Rio, a fim de «estrelar» dois filmes.

Vera Cruz, em declarações a um vespertino carioca, confirmadas para "A CENA", na capital bandeirante, trouxe-nos a esperança de uma solução para breve. Esperança que é antes uma prodigiosa fé na magnífica obra que construiu e que pouca gente teria coragem de empreender.

Zampari esclareceu que não estêve fora de cogitação por parte de um estranho grupo de capitalistas a aquisição dos estúdios da Vera Cruz. Não seria, naturalmente, uma das companhias cinematográficas já existentes pois, nenhuma delas está em condições financeiras de grande evasão de capitais. Executou, no caso, o Sr. Luís Severiano Ribeiro e as grandes produtoras americanas. O primeiro, com a maior rêde exibidora no Brasil e, os outros, com vistas à reconquista de um mercado que, na opinião de Zam pari, aos poucos vai rejeitando seus produtos.

Nos escritórios da Vera Cruz entretanto o trabalho continua intenso. A produção para 1954 está sendo elaborada, contratados os atores e provàvelmente serão colhidos novos lauréis nos próximos festivais de cinema. "O Sertanejo" de Lima Barreto está com o roteiro e os papéis distribuídos: assim como êste, vários outros filmes, cuja realização vem sendo estudada, a fim de evitar a reincidência no grande êrro cometido, a produção dispendiosa.

FALA A MULTIFILMES

Nos escritórios da Multifilmes, em São Paulo, a reportagem de "A CENA" entrevistou o sr. Guido Sonino, diretor de publicidade.. Embora procurando guardar as devidas proporções, o entrevistado não negou a crise:

— Os filmes programados foram concluídos, apesar dos estúdios não estarem funcionando atualmente, isto não implica necessàriamente que estejam fechados eternamente.

— Tomamos, isto sim, medidas que visam a proteção de nossa indústria. Citaremos por exemplo, a não renovação de contratos com atores e diretores. Esta medida atingiu inclusive a Procópio Ferreira. Os atores e diretores contratados elevavam nossas fôlhas de pagamento de maneira asombrosa. Como, muitas vêzes ficavam meses sem filmar, êles com justa razão reclamavam sentindo-se desprestigiados. Por outro lado devido as despesas sentíamo-nos constrangidos a fazer filmes que justificassem esta grande evasão de dinheiro. Algumas das películas nascidas em tais circunstâncias tiveram do público uma insignificante aceitação. Faremos os filmes mais cuidadosamente, em prazo maior e portanto mais cuidados.

— A mudança de orientação atingirá também o departamento de argumentos. Histórias do cosmopolitismo de "Destino em Apuros" não serão mais rodadas. Basta-nos esta experiência. Abordaremos temas exclusivamente nativos, que tragam as características mais profundamente brasileiras em suas entranhas".

Entre outros, citou-nos o Sr. Guido Sonino: "Invasão do Paraíso", história desenrolada numa ilha do litoral santista. Além dêste, "Amor entre Fronteiras" sôbre a Guerra do Paraguai, "Banana Brava" sôbre o garimpo e "Sangue sôbre a Terra", que abordará o cangaço e seu problema social. O autor desta última história é Péricles Leal, que os fãs de teatro conhecem através de suas peças levadas em teatros experimentais do Rio.

— Cogitamos — prossegue o dito senhor — em um regime de co-produção, estando a Multifilmes em adiantadas conversações com a Atlântida, do Rio.

— Contrataremos técnicos e diretores de grande experiência; não podemos nos permitir a novas tentativas com estranhos. Necessitamos de diretores que tenham conhecimento de causa e do público brasileiro. Homens que dirijam argumentos originais e inéditos, pessoas que têm demonstrado sua capacidade em realizações anteriores. Evitaremos os transfugos europeus, cheios de documentos e certificados de escolas de cinema e recomendações que, com excessões naturalmente, tantas vêzes têm falhado."

— Esperamos — conclui o sr. Guido Sonino — que tomando estas deliberações, acataremos as reivindicações dos cineastas brasileiros no primeiro e segundo Congresso Nacional de Cinema Brasileiro e ofereceremos ao público, filmes de melhor qualidade técnica e artística. Com as novas diretrizes, abrimos o caminho da Multifilmes a todos diretores e técnicos, que recentemente, se têm revelado nas produções independentes.

E frisa concluindo suas declarações: — Se não tomássemos essas deliberações seríamos lançados ao caos e provàvelmente sem possibilidades de recuperação.

Um caso entretanto digno de maior atenção poderá surgir na Multifilmes. É que mudando de orientação, entrando em nova fase administrativa, não venha ela, com as limitações que poderiam criar as necessidades de recuperação financeira produzir filmes de qualidade inferior, plena de concessões, inspiradas tão sòmente na experiência alheia.

PRÉ-ESTRÉIAS



ò encontro de «Madame D» com o embaixador.

2 ½ — «MADAME D»
(ASSISTIDO EM BUENOS AíRES)

Romance de Louise de Vilmorin. Adaptação do próprio diretor, Max Ophulus, ao lado de Marcel Achard e Annette Wademont. Desde o ro teiro às imagens nota-se a preocupação em seguir um inimitável estilo, o do saudoso Lubitsch. Aliás, o livro é muito parecido com a história do célebre «Anjo» e de outros filmes do referido cineasta. A base é o eterno triângulo, em meio de gente de alta roda, que troca uma série de trejeitos e, em volta de refinamentos, fazem as mais diversas concessões amorosas. A malícia com finura e a reticência galante possuem um segrêdo. No passado do cinema o assunto ficou marcado como o «toque lubitchiano». Talento não é previlégio de ninguém mas estilo: nem é conveniente imitar. E foi isto, precisamente, o que ocorreu no presente filme. Note-se que Max Ophulus não tinha necessidade disso. O seu maior trabalho diretorial, «La ronde» (Conflitos de amor), apesar de, em muitas seqüências, conter inspirações do grande mestre da história do cinema não foi, certamente, uma obra de plágio. Nem o poderia ser, aliás, pois Lubitsch jamais faria uma película tão diretamente licenciosa. Agora, entretanto, Ophulus não relutou em seguir no «carbono». Da história ao roteiro tudo é muito intuitivo, particularmente para os que mantenham viva, na mente, a escola do orientador de tantas obras primas do cinema.

O primeiro têrço do filme é intuitivamente agradável e fino. Tem realmente, muita curiosidade a história de «Madame D» e do colar que é empenhado. As situações da trama prosseguem curiosos mas, por fôrça de certas repetições, tanto de motivos de romance quanto da própria direção, o segundo têrço, apesar de bom, já não é bem interessante. Vem a fase final da película e, com ela, um inesperado desequilíbrio. Se Ophulus ficasse apenas na cópia de Lubitsch, ainda como pálida reminiscência, a película seria muito melhor. Sucede, entretanto, que todo o rumo foi alterado: o romance e a direção passaram à tragédia. Surge um «climax» inteiramente fora de lógica e rocambolesco. O marido, ultrajado, esbofeteia o amante e surge o duelo. Algo «demodé», particularmente para uma conduta que se vinha mantendo na comédia final. Creio mesmo que, em conjunto, êste desfecho representa uma das coisas mais chocantes e desequilibradas dos últimos tempos. De tal forma isto representa um desajuste que arrasta consigo, inclusive a boa qualidade cinematográfica mantida em mais de dois têrços de projeção. A única explicação possível é que, com esta mudança de epílogo, tão diferente de «Anjo» e outros, Ophulus pretendeu ofuscar a lembrança de que o tratamento e a história partiam de eloqüente plágio.

Danielle Darrieux é a «Madame D» e mostra-se dentro dás suas características, sendo o melhor elemento do filme. Vittorio De Sica, no Embaixador, embora já tenha tido melhores atuações, está bastante correto. Enquanto o filme está situado na malícia, Charles Boyer segue tão bem quanto os seus companheiros. Quando passa à tragédia, decai um pouco sem, entretanto, desmerecer no conjunto. Música e fotografia funcional, em acabamento técnico preciso. Porém, a maior recordação do filme não fica sendo o inegável mérito dos bons momentos das suas primeiras etapas mas, sim, o surpreendente desajuste no epílogo.

Charles Boyer vive o «Monsieur D» e Vittorio De Sica o sedutor e eterno «triângulo».





LUDMILLA TCHERINA

Ludmilla Tcherina, um encontro de duas artes.

ONDE O CINEMA E A DANÇA SE ENCONTRAM

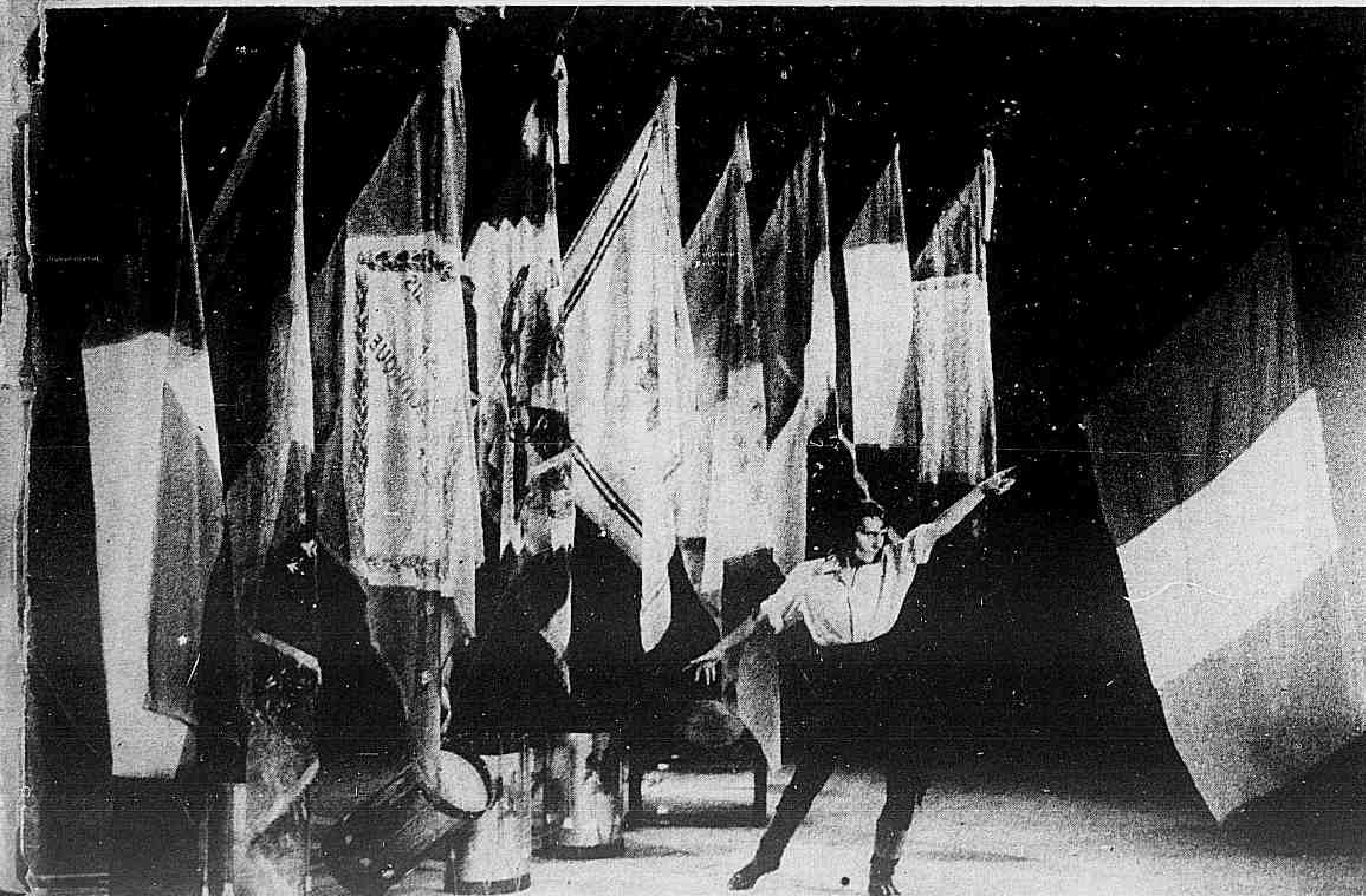
Monique Tchemerzina nasceu, de pai russo e mãe francesa, no Quartier Latin, o bairro de artistas de Paris, e iniciou seu aprendizado de "ballet" na idade de oito anos. Ao abraçar a espinhosa carreira de dançarina, escolheu o prenome de Ludmilla, que era como seu pai sempre a chamou. Sergio Lifar condensou seu sobrenome, de Tchemerzina para Tcherina. Em 1942 seu pai era procurado pelos alemães; a família decidiu transferir-se para Nice, e aí Ludmilla aceitou o convite que lhe foi dirigido para ser "danseuse étoile" da Ópera de Marselha. Lá conheceu Edmond Audran, que se tornou seu marido em 1946.

Audran iniciou-se tarde na dança. Quando começou seus estudos tinha já dezessete anos, mas chegou a ser um dos expoentes do ballet na França. Êle e a espôsa faziam frequentes "tournées" pelo país, e gozavam de grande popularidade. Duas facêtas do talento de Audran desconhecidos do público, são o ator e o escritor. No filme "Fandango" desempenhou um pequeno papel; aparecerá em "The scarlet pinpernel" uma película inglêsa de Powell e Pressburger, que ainda deverá ser exibida entre nós; em "La nuit s'achève" onde, durante uma luta, Audran quebrou o nariz. Em "Dança do pecado" êle deu seu primeiro beijo cinematográfico em Ludmilla. Tinha sido escolhido por Abel Gance para interpretar o Cristo de um filme sôbre a "Paixão", que não chegou a ser realizado.

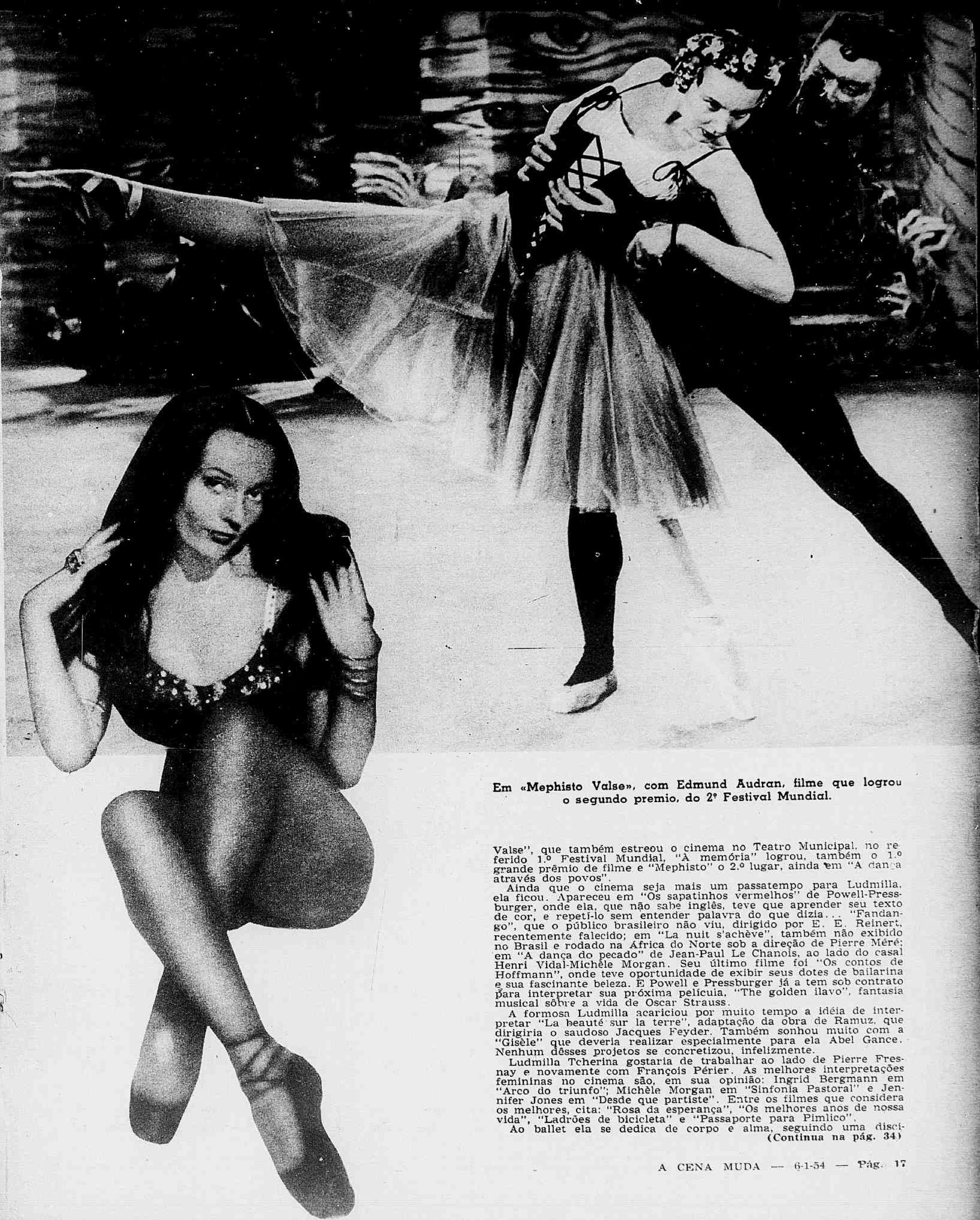
Audran escreveu dois cenários para o cinema. Um, sôbre o desenvolvimento da carreira do dançarino. O segundo, entitulado "Têtes de bois" cuja história se desenrolava no quadro de um Parque de Diversões. Edmond Audran, artista tão promissor, perdeu a vida tràgicamente, num acidente automobilístico, quando voltava da Inglaterra onde tomara parte no filme "Os contos de Hoffmann".

Foi em 1945, alguns meses após a libertação, que Christian-Jaque procurava uma jovem bailarina que fôsse capaz de desempenhar o principal papel feminino de seu filme "Un revenant", ao lado de Louis Jouvet e François Périer. Indicaram-lhe o nome de Ludmilla Tcherina, "estrêla" do Ballet de Monte Carlo. Esta é convocada, submete-se a um teste, e logo conquista o papel.

Grandes êxitos conquistou Ludmilla nos filmes de curta metragem. No 1.º Festival Mundial de Filmes de "Ballet", iniciativa universalmente consagrada, cuja iniciativa coube ao Brasil, com o título geral de "A dança através dos povos", logrou o título de "a maior bailarina". "A memória de um herói" foi o filme em questão, no qual encarnava a figura de Napoleão Bonaparte, ao lado do espôso, Audran. Também com o seu saudoso marido, filmou "Mephisto



No filme que lhe valeu o 1º grande prêmio de bailarina, no 1º Festival Mundial de Filmes de Dança: «A memória de um herói», também o vencedor de «A dança através dos povos»



Em «Mephisto Valse», com Edmund Audran, filme que logrou o segundo premio, do 2º Festival Mundial.

Valse", que também estreou o cinema no Teatro Municipal, no referido 1.º Festival Mundial, "A memória" logrou, também o 1.º grande prêmio de filme e "Mephisto" o 2.º lugar, ainda em "A dança através dos povos".

Ainda que o cinema seja mais um passatempo para Ludmilla, ela ficou. Apareceu em "Os sapatinhos vermelhos" de Powell-Pressburger, onde ela, que não sabe inglês, teve que aprender seu texto de cor, e repetí-lo sem entender palavra do que dizia... "Fandango", que o público brasileiro não viu, dirigido por E. E. Reinert, recentemente falecido; em "La nuit s'achève", também não exibido no Brasil e rodado na África do Norte sob a direção de Pierre Méré; em "A dança do pecado" de Jean-Paul Le Chanois, ao lado do casal Henri Vidal-Michèle Morgan. Seu último filme foi "Os contos de Hoffmann", onde teve oportunidade de exibir seus dotes de bailarina e sua fascinante beleza. E Powell e Pressburger já a tem sob contrato para interpretar sua próxima película, "The golden ilavo", fantasia musical sôbre a vida de Oscar Strauss.

A formosa Ludmilla acariciou por muito tempo a idéia de interpretar "La beauté sur la terre", adaptação da obra de Ramuz, que dirigiria o saudoso Jacques Feyder. Também sonhou muito com a "Gisèle" que deveria realizar especialmente para ela Abel Gance. Nenhum dêsses projetos se concretizou, infelizmente.

Ludmilla Tcherina gostaria de trabalhar ao lado de Pierre Fresnay e novamente com François Périer. As melhores interpretações femininas no cinema são, em sua opinião: Ingrid Bergmann em "Arco do triunfo"; Michèle Morgan em "Sinfonia Pastoral" e Jennifer Jones em "Desde que partiste". Entre os filmes que considera os melhores, cita: "Rosa da esperança", "Os melhores anos de nossa vida", "Ladrões de bicicleta" e "Passaporte para Pimlico".

Ao ballet ela se dedica de corpo e alma, seguindo uma disci-

(Continua na pág. 34)





O assalto a ilha de Corfu. Após a preparação das fortalezas flutuantes, dos navios da esquadra comandada por Ushakov, foram violentos os combates em terra.

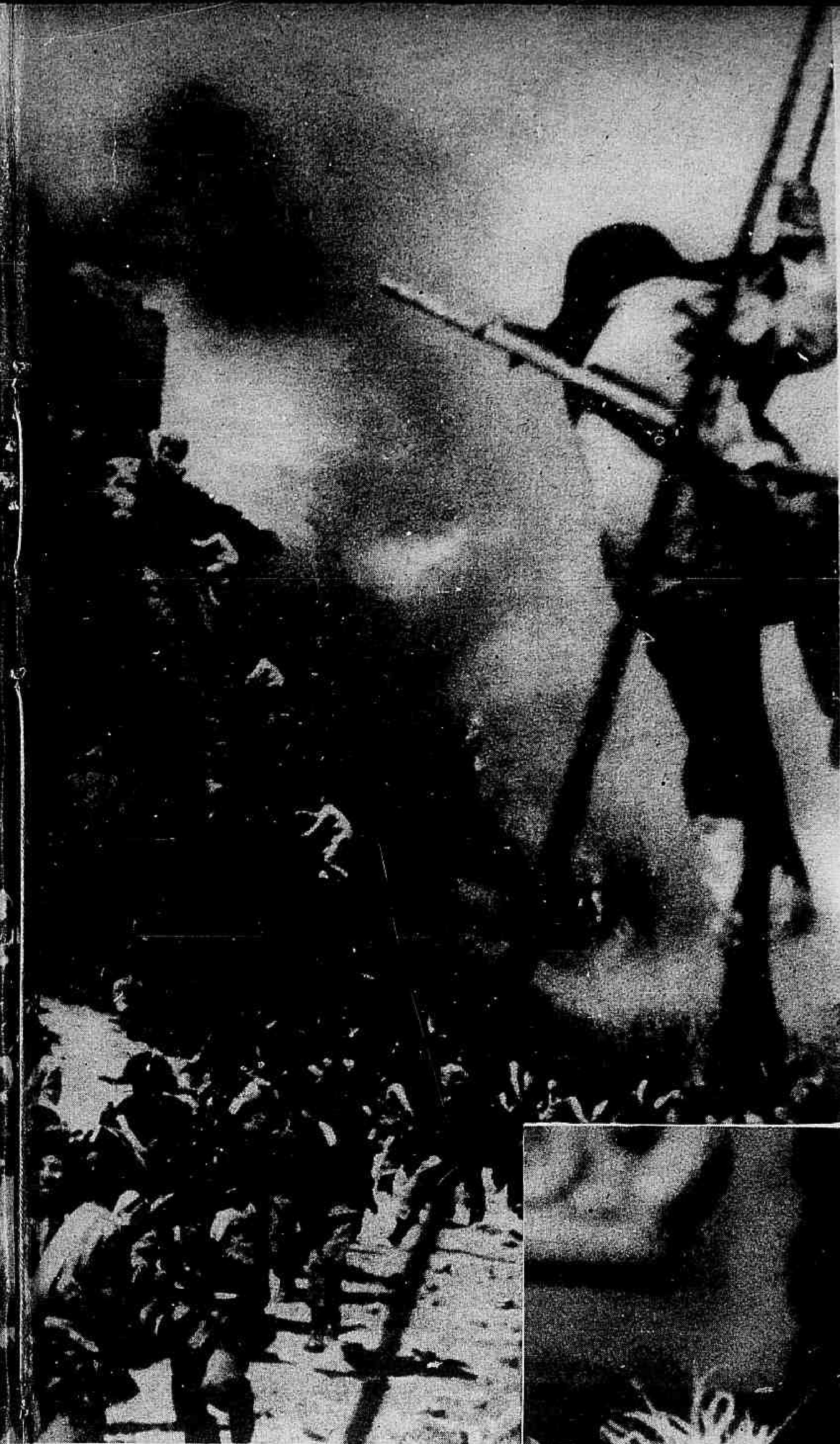
FICHA TÉCNICA

Direção de Mikhail Romm; Música de A. Kachaturian; Fotografia de Chen Yu Lan e A. Shelenkov; Roteiro de Ashtein; Produção da Mosfilm, Moscou.

ELENCO:

Ushakov .... I. Perevessev
Suvorov .... S. Petrov
Almirante Nelson .... I. Soloviov
Lady Hamilton .... Elena Kuzmina
Lord Hamilton .... I. Tolchanov
Paulo I .... P. Pablenke
Victor Ermolaev .... G. Yumatov
O jovem Ermolaev .... P. Volkov
Napoleão .... V. Lakarev

A NOVELA DAS "ASSALTO ÀS FORTALEZAS"



No final do século XVIII, dominava a era napoleônica. Após vencer a Itália, a Bélgica, a Suíça, Holanda, Malta as ilhas Jônias, etc., o Grande Corso ameaçava a Inglaterra, a Turquia e a Rússia. Neste último país, o Imperador Paulo I. após reunir os seus aliados, inglêses e turcos, chegou à conclusão de que era indispensável o apoio do marechal Suvorov, que se encontrava desterrado, e do almirante Ushakov.

Embora o imperador detestasse a ambos, entrega, de acôrdo com a Inglaterra e a Turquia, o comando supremo das fôrças de terra e mar aos mesmos. Entram em ação e passam, desde o início da campanha, a obter seguidos triunfos.

Enquanto Napoleão passava a conquistar outra série de vitórias no Egito, Ushakov, por sua vez, logrou o grande feito de, com o auxílio direto da sua esquadra, assaltar e vencer a ilha de Corfu. Foi a primeira vez que uma fortaleza teve de enfrentar outras, do mesmo poder, mas flutuantes: os navios assim equipados de Ushakov.

Após êste feito militar, advém um comêço de motim na ilha e, na ocasião em

Lord e Lady Hamilton não viam com bons olhos a aliança inglêsa-russa. (Mais uma vez na tela, a legendária figura da «Divina Dama»).



IMAGENS

por
JONALD

ASSALTO ÀS FORTALEZAS

O ataque a ilha de Corfu é iniciado pelos veleiros de Ushakov. Foi uma surprêsa, veleiros assim tão bem equipados.

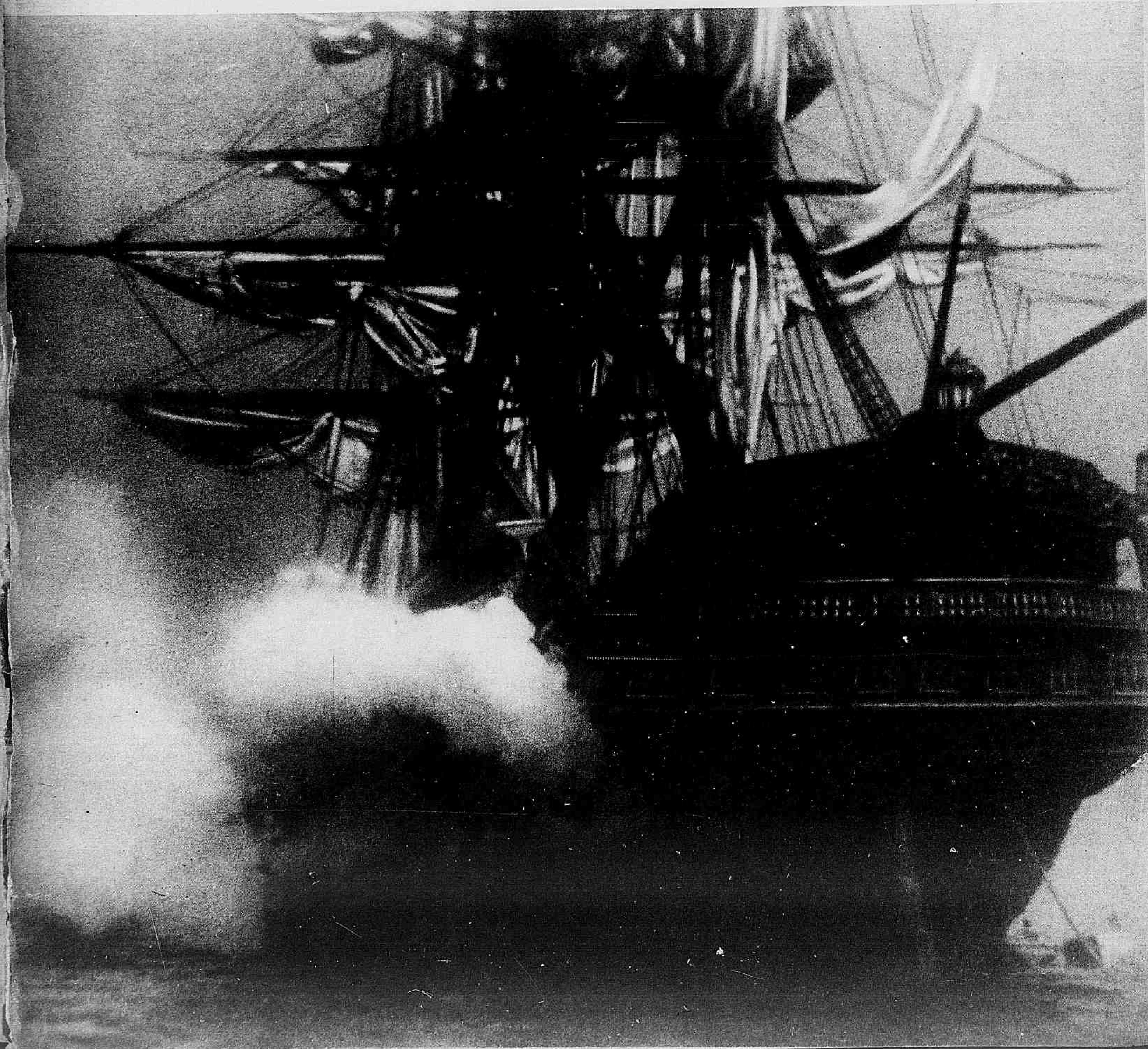
que é alvejado Ushakov, um alferes do navio, de nome Victor Ermolaev, sacrifica-se, recebendo mortalmente as balas que eram destinadas ao seu superior.

Enquanto assim ocorria, o marechal Suvorov é nomeado chefe supremo dos exércitos aliados e assume êste pôsto na Itália. A esquadra de Ushakov dirige-se para as costas de Nápoles. Após intensa luta, esta cidade é tomada.

Regressa Napoleão a França e procura rearticular as suas fôrças, a fim de surpreender a aliança russo-inglêsa.

Lord Hamilton e sua espôsa Lady Hamilton, que fazem parte da esquadra inglêsa, comandada pelo almirante Nelson, discordam da união da Inglaterra com a Rússia e tomam uma série de medidas a fim de frustar êste acôrdo. Pondo em prática instruções recebidas do almirante inglês, Nelson investiga o tratado de capitulação assinado, de um lado pelos seus comandados e os chefes russos e, do outro, pelos militares de Napoleão e toma medidas militares julgadas rigorosas, pelo seu particular amigo Futt.

Começa a tornar-se tensa a união rus-





so-inglêsa e, então, tem lugar, a bordo do navio capitânea inglês, uma entrevista entre os almirantes em chefe dos dois países: Nelson e Ushakov. No mesmo navio estão Lord e Lady Hamilton, que procuram insuflar os seus anseios, contrário aos russos. Entretanto, é mantida a aliança embóra, mais adiante, Nelson viesse a se afastar do congraçamento com Ushakov.

Ushakov termina a campanha mediterrânea e liberta Roma. Contudo, no Palácio Imperial de São Petersburgo, que jamais mantivera simpatias para com Ushakov, tomam vulto as calúnias contra o almirante russo. Entra em declínio a «estrêla» do triunfador dos mares, que é forçado a passar à reserva.

★

Muitos anos são decorridos. Já muito envelhecido, chega Ushakov, certo dia, a Sebastopol a fim de admirar um espetáculo, tão seu preferido de tempos passados: assistir ao desfile da frota do Mar Negro. Encontra-se o velho almirante com os novos chefes de armas. Durante um comovente desfile, o comandante da nova esquadra teve ocasião de dizer:

— «E' possível retirar Ushakov do mar mas não é admissível coibir o amor de Ushakov pelo mar».

Na formação de marinheiros e oficiais o vulto de um jovem desperta a atenção de Ushakov. Era, precisamente, o irmão menor do falecido oficial Victor Ermolaev que, há anos atrás, se sacrificara pelo almirante. Emociona-se o velho oficial com êste encontro. Leva o alferes até a borda da proa, onde as ondas quebram mansamente sôbre a nave. Chamando a atenção para o poderio dêste elemento da natureza, Ushakov descobre a sua cabeça, em humilde reverência pelas supremas fôrças.

— F I M —

Lady Hamilton, que se tornou amante do almirante Nelson, jamais aceitou a aliança do seu país com Ushakov.

A GUERRA E O APÓS GUERRA

(A EVOLUÇÃO DO CINEMA INGLÊS)

Por L. BOLTSHALSER,
exclusivo para "A CENA"



«Ana Karenina», um dos grandes filmes do ano, e inesquecível desempenho de Vivien Leigh.

Ao iniciar-se a guerra, o público recolheu-se às suas casas, na expectativa de algo de terrível. Os estabelecimentos de diversões cerraram suas portas e as ruas permaneceram desertas e escuras. Mas passaram-se as semanas, e nada sucedeu, retomando a vida, na Inglaterra, seu curso normal. Os cinemas voltaram a funcionar, e um alto índice de frequencia se registrou. O público compreendeu que a necessidade de diversão suplantava o mêdo das bombas. Conta-se mesmo que, quando um alarma de ataque aéreo se fazia ouvir, as sessões de cinema não se interrompiam, e poucos espectadores deixavam seus lugares para procurar a segurança dos abrigos subterrâneos.

A ocorrência do público foi providencial, justamente quando o custo da produção subia assustadoramente e permitiu que o cinema inglês conhecesse um novo surto.

Os estúdios, entretanto, tiveram que enfrentar dificuldades enormes. Já, agora, tanto os exibidores como o público reconheciam a alta qualidade das películas inglêsas. A guerra trouxe novos obstáculos que urgia vencer, ou pelo menos contornar. Foi o que fizeram; cenários eram construídos mediante aproveitamento de madeira usada, de material de encaixotamento. As bombas explodiam próximo aos estúdios, retardando as filmagens. O aparelhamento danificado era mantido em funcionamento, graças a uma assistência técnica permanente. Como se isso não bastasse, o pessoal dos estúdios que, com a mobilização, ficara reduzido a um têrço, era constantemente recrutado para outros serviços atinentes ao esfôrço de guerra. O govêrno ocupou grande parte dos estúdios do país; os 22 estúdios em funcionamento em 1939 ficaram limitados a 9 em 1942.



«Hamlet», de Sir Laurence Olivier, uma obra de arte que honrou o cinema britânico e o mundial.

Com tudo isso, a cota das produções anuais baixou. Para preencher a programação de filmes britânicos exigida por lei, foi nececsário fazer-se a reexibição de velhos sucessos. A produção que tinha sido de 56 filmes em 1940 e 1941, subiu a 60 filmes em 1942. Êsse número foi mantido até 1946.

Por êsse tempo, o cinema inglês passou também por uma revolução financeira. A Organização Rank, que aquirira dois dos três circuitos existentes no país, possuindo assim 600 cinemas, passou mais tarde a controlar a metade dos estúdios inglêses. O poderio crescente de Rank tem sido muito criticado, pois constitui séria ameaça aos produtores independentes. Com Rank produzindo filmes e controlando dois têrços das casas de espetáculos, a situação dêles é bastante precária. Apesar disso, continuam a trabalhar, e seus filmes são, muitas vêzes, melhores que os de grande prestigio, por serem honestos e sinceros.

A guerra foi, como não poderia deixar de ser, a principal fonte de inspiração do cinema britânico de 1942 a 1945. Como os filmes eram destinados a um público que conhecia a guerra ou, por experiência própria, ou do que ouvira contar por seus parentes combatentes, um grande cuidado caracterizou as produções da época. Havia, acima de tudo, a preocupação de reconstituir a realidade. Os atores e atrizes, sem perder a personalidade ideal que deve ter um "astro" de cinema, procuravam viver com fidelidade os tipos que encarnavam. Os episódios levados à tela eram frequentemente verídicos. Deviam ter caracteristicas generalizadas o bastante, para que cada um encontrasse nêles o reflexo de suas experiências pessoais da guerra. Assim é que, "Nosso barco, nossa alma" (In which we serve, 1943), de Noel Coward, foi criticado pelo público por seu individualismo, enquanto a crítica especializada reconhecia nêle as qualidades de um filme excelente.

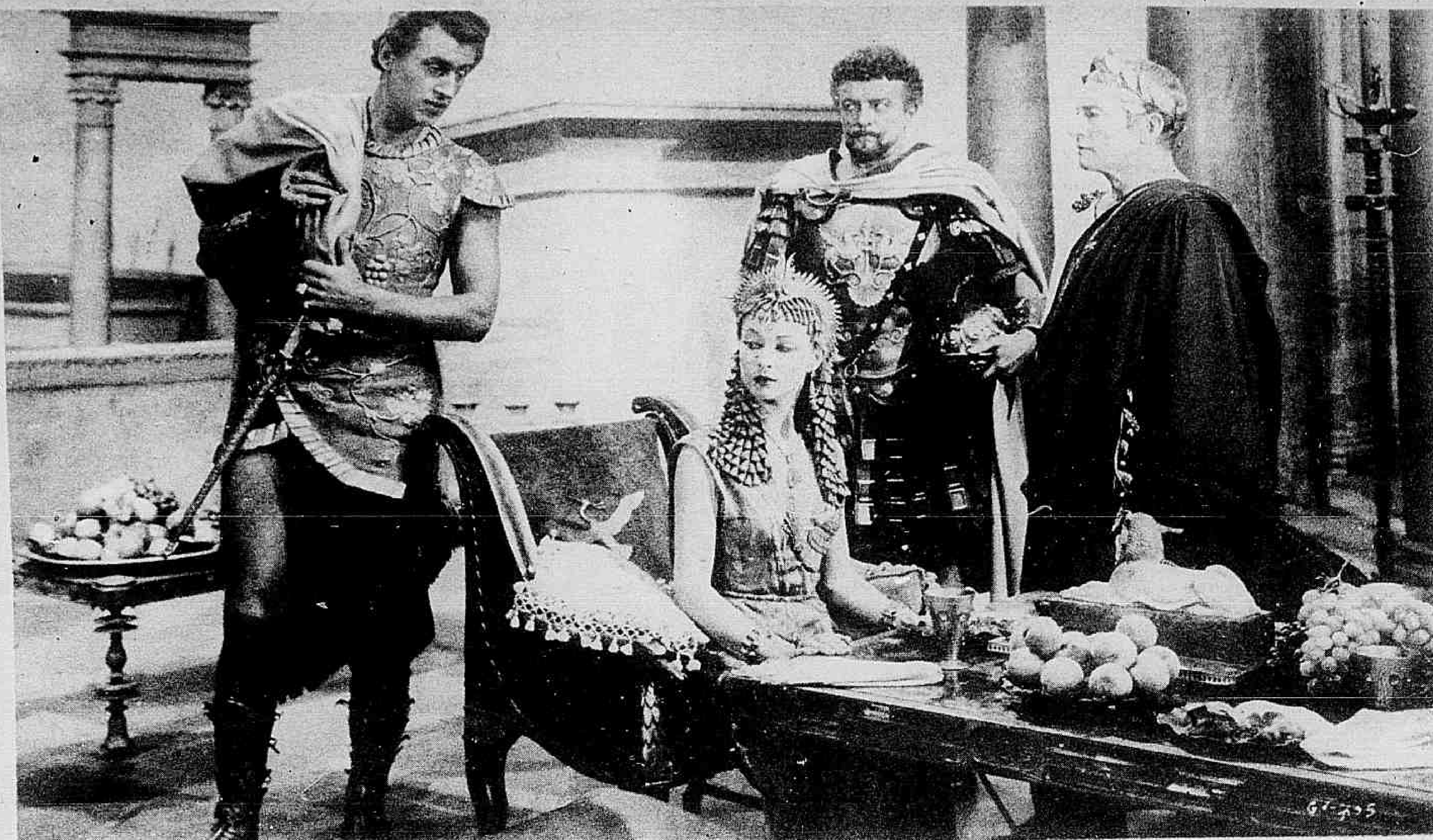
Entre os bons filmes inspirados diretamente da guerra, não adaptados de romances ou peças teatrais, estavam "Millions like us" de Frank Launder e Sidney Gilliat, "The gentle sex", de Leslie Roward, "We dive at dawn" ótima película sôbre a guerra de submarinos.



«Os sapatinhos vermelhos» o filme em que, até a presente época, no setor de longa metragem, melhor uniu o cinema ao «ballet».

«O condenado», a obra-prima de Carol Reed e o maior trabalho de James Mason na tela.





A GUERRA E O APÓS GUERRA (CONT.)

«César e Cleópatra»: Stewart Granger, Vivien Leigh, Claude Rains.

Filmes havia cuja ação se desenrolava na Europa ocupada, e que primavam pela autenticidade: "The day will dawn", de Harold French e "Tomorrow we livey, de George King. Em 1943 a reputação do filme de guer ra foi consolidada com "Nine men", de Harry Watt, "The lamp still burns", de Elvey, e "San Demetrio-London", de Charles Frend, sôbre a marinha mercante.

A produtora de documentários Crown Film Unit, realizou dois de longa metragem, sôbre a guerra: "Western approaches" e "Target for to-night".

O govêrno patrocinou a realização de filmes como "Next of kin", de Thorold Dickinson, e "The way ahead", dirigido por Carol Reed. Esta pelicula com cenário de Eric Ambler, era notável por sua finalidade social e por seu valor humano. A RAF financiou a produção de "Journey together", de John Boulting, interpretado pelos próprios pilotos da fôrça aérea.

Em 1944, no filme "The way to the stars", de Carol Reed, já as cenas de guerra tinham sido excluidas. A história tratava da influência do conflito mundial na vida e nas emoções dos combatentes.

Nesse mesmo ano, a guerra, tratada com leveza, servia de cenário a uma deligiosa comédia romântica de Alexander Korda, "Perfect stransgers", exibido no Brasil com o titulo de "Longe dos olhos".

O desinterêsse do público pelos assunto de guerra se foi acentuando, e os produtores voltaram-se para outros temas.

"Henrique V", de Laurence Olivier já era um derivativo, ainda que tivesse, de certo modo, a função de exaltar o patriotismo pela narração dos feitos gloriosos do passado. Olivier foi felicissimo ao transpor à tela a obra de Shakespeare, dando excelente forma cinematográfica ao teatro retórico, que constitui um "handicap" para o cinema. O filme

(Continua na pág. 33)

«Ídolo caído», de Carol Reed, um dos grandes filmes da temporada passada.





Rhonda Fleming

tem o seu "charme"

Rhonda Flemming não é, certamente, uma grande atriz. Entretanto, possui um «charme», êsse segrêdo que tem levado tanta gente ao «estrelato».

DE TODO O MUNDO

(SERVIÇOS ESPECIAIS PARA **A CENA** COORDENADO POR M. B.)

Ana Pio Castilho, escolhida por Marcel Carné, entre 500 candidatas, para «Teresa Raquin», agradou na recepção da crítica.

ITÁLIA

Adriana Benetti, a excelente atriz descoberta por Vittorio de Sica, em "Teresa Venerdi" regressou recentemente à Itália. Depois de interpretar um filme, (para o que já entrou em entendimentos com uma companhia produtora), deverá voltar para a Argentina, onde vive ao lado do marido Enzo Selvaggi, para desempenhar o principal papel feminino em "Boda de cristal", com Arturo de Cordova.

"La via del Sud" é o título de um novo filme documentário que pretende evocar os feitos italianos na África, no período compreendido entre 1910 e 1948. O diretor será Enrico Cappellini.

"Cabiria", que constituiu o grande sucesso do cinema italiano aí por volta de 1912, será novamente filmado pela Lux Film, em côres. A Lux foi favorecida pela sentença do Tribunal de Roma, que reconheceu sua prioridade sôbre os direitos autorais da obra de Gabriel D'Annunzio.

Foram suspensas as filmagens de "Le aventure di Guglielmo Tell", direção de Jack Cardiff e Giorgio Pastina, produção que estava sendo rodada em Eastmancolor e Cinemascope. A causa da interrupção foi o confisco do material já rodado, pelo proprietário de um hotel em Courmayeur onde se tinha alojado a equipe do filme, e deixado uma dívida de seis milhões. Enquanto o produtor do filme afirma que a dívida será paga, e as filmagens reiniciadas, o ator Errol Flynn enviou a seus companheiros de trabalho dois mil dólares, a fim de que possam comprar passagem de volta para Roma, depois de um mês e meio de inatividade.

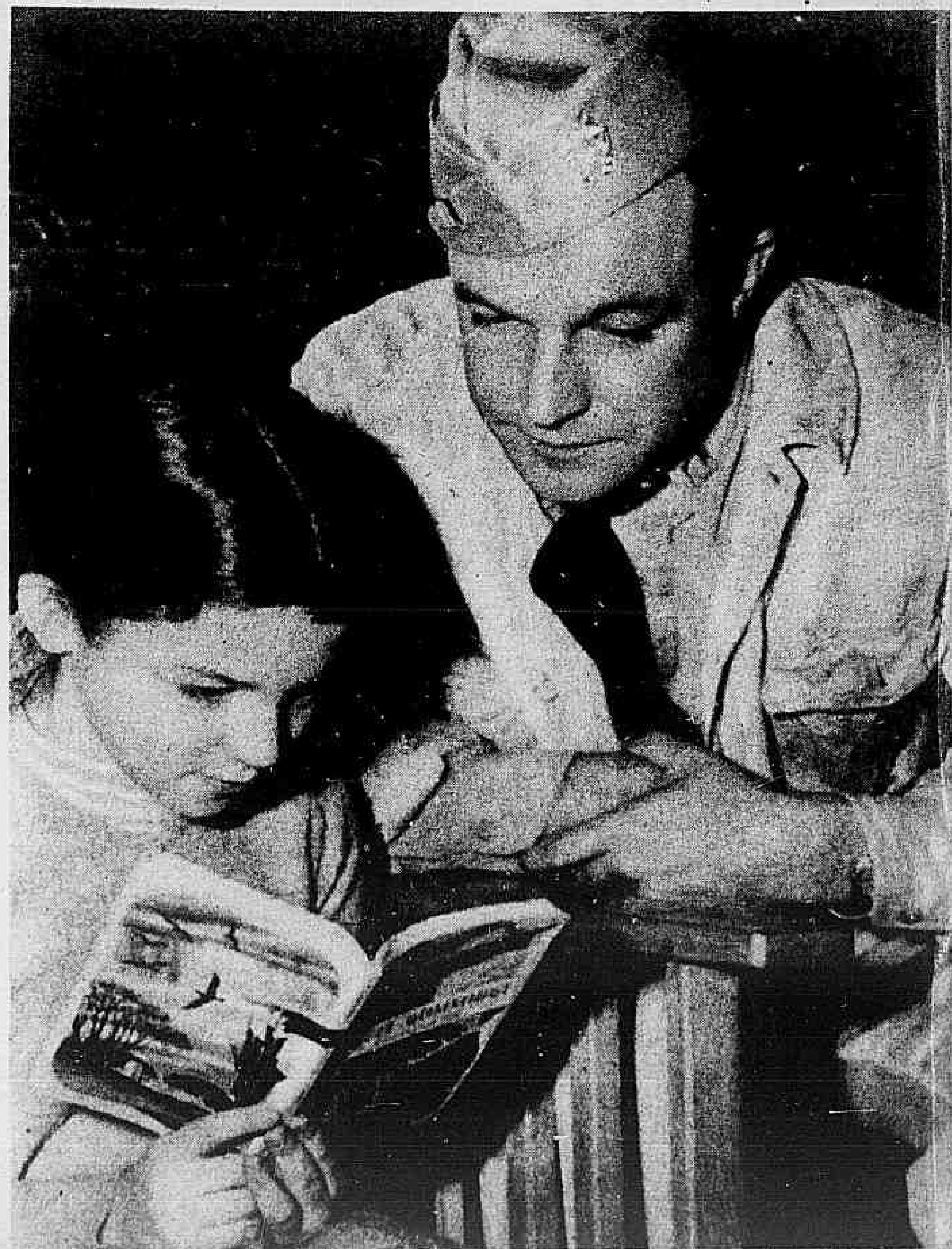
GRÃ-BRETANHA

Brian Desmond Hurst tenciona realizar um filme extraído da obra "Captain Jan", de Jean de Hartog, com Kirk Douglas, e depois uma biografia de Luís II da Baviera. Para tal, estêve recentemente em Roma, a fim de discutir detalhes da produção com o Príncipe Constantino, representante da ex-família real germânica.

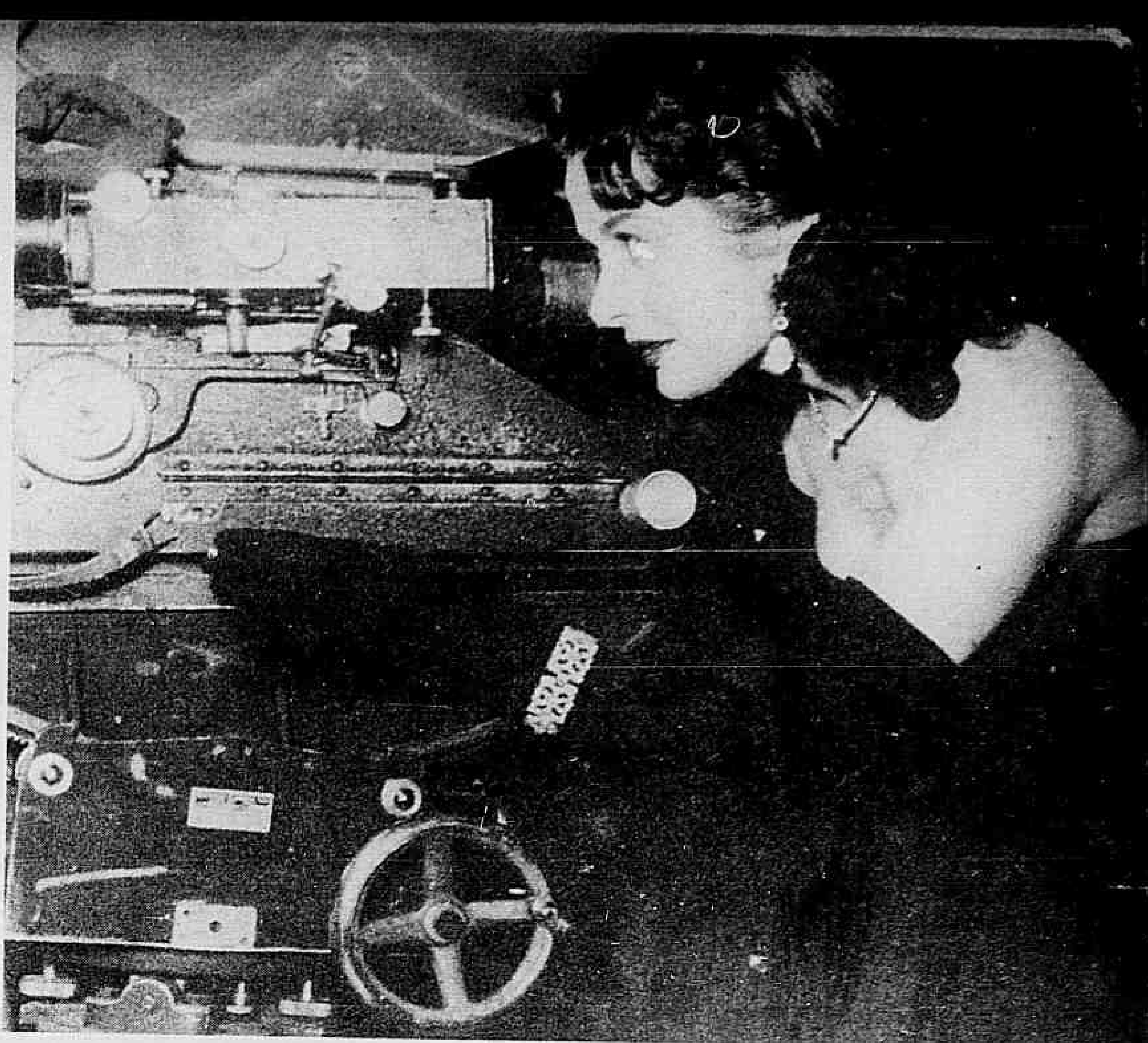
Uma nova sociedade foi fundada na Escócia com o fim de produzir filmes "escoceses cem por cento". O primeiro dêstes será "The Monarch of the Glen", adaptado de um romance de Sir Compton Mackenzie, que foi nomeado também diretor da sociedade.

Foi realizado para a UNESCO um documentário sôbre as reformas econômicas e sociais do México e Tailândia. Direção de Paul Rotha e Basil Wright.

"Three cases of murder" (Três assassínios) é o título de um filme que se comporá de três episódios ligados por uma certa analogia de conteúdo. Um dêsses, justamente aquêle cuja preparação já está em bom andamento, é baseado num conto de Somerset



Gene Kelly dispensa, nos intervalos de filmagens, muita atenção a sua filhinha, que o acompanha sempre que pode, aos estúdios da Metro



A «estrêla» argentina, que na Bahia, filmou os exteriores de Maria Madalena, brincando de filmar.

Maugham, sôbre a luta de dois grandes oradores, um par irlandês e um membro da oposição; um dos dois protagonistas do episódio será Orson Welles.

ALEMANHA OCIDENTAL

"The Kid" (O garôto), de Charles Chaplin, inaugurou uma sala de projeções em Hamburgo, que exibirá apenas "clássicos" da história do cinema, ou filmes de produção recente, mas de alto valor artístico. O cinema, que é o menor da Alemanha, e talvez do mundo, dispõe de apenas vinte e cinco lugares...

Paul Kemp, um dos mais populares atores cômicos alemães, faleceu repentinamente, de um ataque de peritonite. Conhecido ator de teatro, triunfou também no cinema, onde interpretou numerosos filmes, sobretudo a partir do sonoro. Entre êsses destacam-se: "Prinzessin Turandot" (1934), "Amphytrion" (1935), "Ein Windstoss" (1942) e "Fahrt ins Abentuer" (1944).

TURQUIA

"A Sultana Safiyè" entrou em filmagens em Istambul: trata-se da primeira co-produção ítalo-turca, produzida por Mario Trombetti e pela "Efi Koliektif Sirketi" de Istambul. A vida da veneziana Cecilia Venier, que desposou Murad III e, na qualidade de imperatriz, influenciou de modo benéfico as relações entre o Império Otômano e a República de Veneza, foi cenarizada pelo diretor do filme, G.D. Martin, e por Antonio Rugiu, Michele Nesci, e Fikri Rutkay. Consultor histórico do filme: Fuat Kececi, deputado turco que é também presidente da Comissão estatal dos museus e obras de arte.

De revólver em punho, Frank Lovejoy e seus companheiros de «set» de «Nódoa infamante» jogam estranha partida de xadrez. Cada lance representa um duplo perigo mas o de vida é, certamente, o maior.



CARTAZES EM REVISTA

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco e detestável; e 0 — inqualificável.

Do próximo número em diante passará a ser feito um contrôle total dos lançamentos dos principais centros do país: Rio, São Paulo, Pôrto Alegre, etc. Serão criticadas ou relacionadas até mesmo as estréias realizadas distantes do perímetro central de cada uma das cidades. Entre muitos dos filmes que são relegados pelos exibidores — películas que são intituladas de "bolides", dado o seu fugaz aparecimento — se têm encontrado até obras-primas. Em virtude da maneira com que será posto em prática o serviço, os leitores terão, no final de cada semana (o mais ràpidamente possível) mês ou semestre a impressão ou registro, o mais preciso possível, das várias apresentações no país, facilitando, assim, a visão geral da temporada completa.

2 ½ — "QUO VADIS"

Seria fácil perdoar as alterações feitas do livro à tela, caso fôsse mantido o espírito do belo livro de Sienkiewicz. Desapareceu a fôrça poética e emotiva. Na forma do costume, os adaptadores foram vaidosos e comerciais. Tanto fizeram questão de impor pontos de vista pessoais quanto alterar fatos históricos, em favor da bilheteria. Se, ao menos, tivesse sido mantido o fio original do romance entre Marcus e Lígia estaria assegurado, pelo menos, uma sugestão ao encantamento. Os que leram a síntese do livro, no número de dezembro de 1953, melhor compreenderão o assunto. Foi mantido o ponto de vista de impressionar aos olhos. Neste particular há, de fato, um espetáculo de aparato que, isoladamente, tem a sua curiosidade. Entretanto, a demasiada metragem, o desacêrto dos diálogos — inclusive as liberdades dos tradutores — impede a lembrança de dignidade que deveria resultar no conjunto. Os valores são isolados, não se amoldam para sugerir a atmosfera de um impacto. Deborah Kerr está longe de transmitir o lirismo da verdadeira Lígia do livro. Porta-se como se fôra uma heroína «glamorizada» dos filmes legendários comuns. Robert Taylor mantem-se sempre carrancudo, na falta de expressões de maior vigor: tampouco sentiu a personagem. A figura de Nero exacerbada pela direção mas, relativamente ao que lhe foi impôsto para figurar, não se poderá negar o mérito de Peter Ustinov. Petrônio, na interpretação de Leo Genn, está por demais inexpressivo. Os coadjuvantes são bons mas, em geral, sofrem da mesma incompreensão da parte do diretor Mervyn Le Roy no tocante ao verdadeiro sentido do original e dos caracteres. Portanto, fácil é concluir que faltou equilíbrio geral e, com tôda a grandiloqüência do fausto, e independente de alguns «achados» esparsos mais felizes (a cena em que Pedro ouve a voz do Senhor, através do menino, uma das poucas modificações do livro que tinha um cabimento) a lembrança final é fragmentada. E, como cinema não pode deixar de ser julgado como um todo . . .

2 ½ — "LADRÃO SILENCIOSO"

Duas atrações o desprêzo pela palavra e diálogos e a presença de Ray Milland que pretenderia repetir uma «performance» igual àquela que nos oferecera em «Farrapo Humano». Hoje, com todos os recursos que possui o cinema moderno, «The Thief», sem diálogos, deveria possuir uma forma perfeita, para suprir uma falta de algo a que já nos havíamos acostumado. Entretanto, a base (cenário) é falha e conseqüentemente o ritmo interior se vê prejudicado, apesar da esquematização das situações, que torna a trama simples. Falta ambiente e ritmo exterior para um real «suspense». Há bom cinema nas seqüências finais, quando Milland é perseguido pelo agente do F.B.I. Só então o filme alcança uma certa intensidade. No mais falta atmosfera, falta conteúdo. Na banda sonora apenas existe tanto um irritante

Virgnia Mayo e Gene Nelson: «Vivendo sem amor».



Antônio Gandusio e Nuno Taranto: «Eram sete viúvas».



fundo musical quanto efeitos sonoros magnificamente usados. A fotografia é de classe e não despreza os valores humanos em «close-ups» ou planos médios, dando ao filme uma pequena riqueza psicológica. Ray Milland consegue bons momentos de interpretação, nesta história vazia e fraca. Martin Gabel excelente como sempre fazendo jus a fama que possui como ator da Broadway. Rita Gam, que dizem ter sido roubada da TV, é uma nova representante da prostituição, que está em grande moda no cinema americano atual.

3 — "ALMAS DESESPERADAS"

Conta com a competência de um Taradash, que faz uma feliz adaptação de uma novela de Charlotte Amstrong, intitulada «Mischief». Roy Baker, excelente cineasta inglês, concretiza com êxito o trabalho de Taradash. Marilyn Monroe (desta feita sem «maillot», mas de negligé) é uma recém-saída de um hospício, e, pretensamente curada, consegue um emprêgo, onde uma menina é entregue aos seus cuidados. A princípio quase não convence, mas se reabilita e, graças a Roy Baker, que é um bom diretor de atores, consegue alguma sinceridade na interpretação. Richard Widmark é o correto ator de sempre, e deixa de ser o «homem mau» da tela, agora como um aviador apaixonado, mas que não quer casar. O «supporting-cast» é aceitável. Bom conjunto de música popular acompanha as belas canções da «heroína». Sob forma correta, «Almas desesperadas», com uma ótima fotografia de Ballard (de «Concêrto macabro» e «Ódio que mata»), constitui bom espetáculo. A boa música é de Lionel Newman.

1 — "A CANÇÃO DO SHEIK"

É uma monstruosidade tecnicolorida, que traz à tela a terceira versão no cinema da opereta de Romberg, «The desert Song». John Boles já a havia filmado para a Warner em 1929 e mais recentemente o fraquíssimo Dennis Morgan tivera o papel principal, em 1943, da medíocre película. Agora, os principais papéis couberam a Gordon Mac Rae e Kathryn Grayson. Todos fantasiados de árabes, passam o filme ora a cavalgar pelos desertos, levantando areia, ora a cantar. A história artificial é a mesma de sempre com o herói, a bela e o bandido (êste papel coube ao excelente Raymond Massey). Poderia ter-se passado nos desertos americanos e ser uma história de «westerns» ou qualquer outra coisa, pois o esquema é sempre o mesmo, só mudam as fantasias e . . . às vêzes os cenários. Gordon Mac Ray, com a fisionomia de árabe que êle não tem, se salva cantando, pois, ao lado de Grayson, qualquer voz se torna agradável. Esta continua insistindo nas estridências dos agudos . . . mas, por vêzes, desafina! Bruce Humberstine dirigiu o «espetáculo».

3 ½ — "EU TE MATAREI QUERIDA"

Traz-nos, mais uma vez, através da cinematografia, um romance de Daphne du Maurier. Essa conhecida autora teve alguns dos seus romances filmados, dos quais o mais conhecido fôra «Rebeca». «Eu te matarei querida» é possuidor de homogênea equipe. Há uma bela fotografia, com grande cuidado de composição. La Shelle foi feliz nos exteriores, interiores e os grandes momentos psicológicos são documentados com beleza e precisão. Há, até mesmo, nervosismo nos «travellings», que acompanham Richard Burton nos seus grandes momentos de profunda luta interior. A cenografia faz-nos lembrar os clássicos de Dickens, filmados na Inglaterra, principalmente o «Grandes Esperanças», de Lean. Henry Koster, realizador de mediano valor, tem à mão excelente material humano, como Richard Burton, que, através de uma interpretação magistral, dá vida a fascinante personagem central. Burton constrói, com sutileza e intensidade, tornando o seu desempenho um dos apreciáveis neste ano de 53. Olivia de Havilland, com grande segurança, partilha com Burton as honrarias da interpretação. Waxman compõe acordes convencionais, não constituindo o presente fundo musical dos seus melhores trabalhos . . . A Nunnaly Johnson, êsse mestre do «script» de Hollywood, coube valorizar a obra de Maurier, tornando a linguagem cinematográfica de «My Cousin Rachel» de muito boa classe.



Lidia (Deborah Kerr) e Ursus (Budy Baer) em «Quo Vadis».

1 — "O PREÇO DE UM PECADO"

EXIBIDO NO RIVOLI

Êste filme só não conseguiu ser o pior da semana porque havia um «Cais da perdição» para o acompanhar. Um velho e detestável filme italiano que causa espanto ter sido importado. Na pior cinematografia possível (orientação de um tal Alfredo Guarini) ressurge a pior linha do dramalhão italiano. É a história da jovem que prevarica e passa a sofrer ininterruptamente. Também os espectadores sentirão maiores desgostos, apenas pela ruindade das imagens. Isa Miranda, que sempre possui classe artística, nada pôde fazer. Rossano Brazzi, ainda no início da carreira, pouca culpa tem do desastre, o mesmo ocorrendo com Anita Fana, Jane Frigerio, Vittorina Benvenuti, Carla Martinelli, Claudio Gora, etc.

1 — "PRÍNCIPE PIRATA"

É mais uma história de pirataria, mais uma edição de todos os «chavões» e de tôdas as situações vistas em quase todos os filmes do gênero. Salkow acrescenta à sua lista de medíocres trabalhos mais esta película. John Derek, nulo, tem o papel central. Um argumento comum em fraca exposição. Correrias, lutas sempre prejudiciais para o inimigo do «herói». Para contrabalançar a ação da história, um romancezinho, com frases que já constitui uma fórmula para tais filmes. «Príncipe Pirata» constitui um fraco espetáculo, assistível apenas para aquêles que têm especial gôsto para história de pirataria sem exigir nada como fator qualidade.

1 — "TARZAN E A MULHER DIABO"

É mais um capítulo, da longa história dêste personagem de Edgar Rice Burroughs. Está presente Lex Barker, no Tarzan, com sua linguagem monossilábica, e escassês de talento interpretativo, aliás não muito necessário neste filme de aventuras. Há a infalível mocinha e o vilão, que, no caso, é Edgar Barrier. Isso como elemento humano principal. Como adôrno, às vêzes funcional, a floresta, com os cipós para Tarzan se locomover. Ainda temos os animais, amigos ou inimigos, aquêles para ajudar Tarzan, para maior deleite da platéia, e êstes para Tarzan vencer, ainda para gáudio do público e, como elemento pacífico, a água, para Tarzan nadar. Como final, a vitória de Tarzan, até o próximo capítulo! . . .

1 — "ERAM SETE VIÚVAS"

Como o título diz é uma história de sete viúvas, seis bonitinhas e uma feia, que conquistam a «granel», e que, por complicações arranjadas por Aldo Benedetti, argumentista, acabam naufragando e indo dar numa ilha. As viúvas se vestem de «maillot», para dar mais côr local, e tôda a trama, sem valor, vai sendo dirigida pelo medíocre Mario Mattoli. No «cast» estão Nino Taranto, Antonio Gandusio, Laura Nucci, Amelia Chelini, Silvana Jachino, etc.

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:



em

1953

ONDAS CURTAS

25 MTS. 11.925 KLCS.
49 MTS. 6185 KLCS.

em

1954

TELEVISÃO

CANAL 13

RÁDIO BANDEIRANTES



— a mais popular emissora paulista

RÁDIO

NOELIA NOEL CONTA A SUA CARREIRA

Reportagem de M. G.
(exclusiva para A CENA)



Noelia Noel ao lado de Dóris Monteiro e em duas poses mais.



A nossa história começa em Buenos Aires, ou mais precisamente, na Escola Nacional de Bailados da municipalidade portenha. Era lá que estudava «ballet» uma moça tímida, que, ao lado do clássico, tinha admiração pela música popular. Tratava-se de Noelia Noel, esta interessante figura que, agora, atua na rádio e na TV-Tupi.

Um dia, apareceu na Escola Nacional de Bailados, um diretor de filmes argentinos. Estava procurando ambientar-se com o assunto, pois iria dirigir um filme sôbre «ballet».

Enquanto percorria o local, foi surpreendido pela presença de uma simpática moça, que o empolgou pela harmonia de seus gestos na dança. Era Noelia Noel e, tão impressionado ficou o diretor, que a convidou para um teste no dia seguinte.

Noelia aceitou apenas por curiosidade, mas seu teste foi um sucesso, tendo assinado contrato com a Argentina Sonofilmes, onde fêz diversas películas.

★

Mas, a jovem não estava contente. Não era o cinema o seu objetivo, embora só tivesse verificado isto mais tarde. Sua verdadeira aspiração era o rádio, onde queria cantar seu gênero predileto: a música simples e, em particular, o bolero.

Depois de estrear no cinema, não teve dificuldade em conseguir uma «chance» para cantar no rádio. Assim aconteceu, na capital platina e nas cidades de turismo próximas, como Mar del Plata e Cordoba.

Depois veio o triunfo: temporadas no Chile e Montevidéu, nas rádios Carve e Espectador.

Com a volta a Buenos Aires, recebeu um contrato para atuar na buate «Embassy», onde permaneceu durante algum tempo. Até que, um dia, foi vista ali cantando, por pessoa ligada a direção da buate «Night and Day» e, em poucos dias, estava com um contrato para vir cantar no Rio.

★

Na buate «Night and Day», as atuações de Noelia Noel obtiveram tal agrado que permaneceu quatro meses em cartaz. Isto constitui recorde de permanência de artista estrangeiro, não só no «Night and Day», como em qualquer outra buate nacional.

Pouco depois estreava na rádio Tupi e na TV-Tupi. Na TV, Noelia apareceu por ser bonita e fotogênica, conforme sempre acontece, mas permaneceu por ser uma artista no canto popular.

Em 15 de outubro voltava à Buenos Aires, onde a esperava outro contrato com a buate «Embassy» e com a rádio El Mundo. Esta temporada teve a duração de um mês e meio. Porém, em princípios de dezembro, Noelia voltava ao Brasil, para aqui permanecer. Novamente, assinou contrato com a Tupi, para atuar na Seqüência G-3 e com a televisão Tupi, onde está fazendo «Buate TV», com Aerton Perlingeiro.

★

Noelia Noel é bem jovem ainda: tem apenas 20 anos. Por curiosidade, vale a pena informar que é professôra formada, curso que concluiu aos 16 anos, em Buenos Aires.

Sua família não é de artistas, sendo seu pai engenheiro na Argentina. Apenas sua irmã, mais moça do que ela, é que está iniciando-se na carreira artística, também como aluna de «ballet» na Escola Nacional de Bailados da Prefeitura de Buenos Aires.

Noelia tem cabelos pretos, olhos negros, 1,54 de altura, 54 quilos de pêso, e adora cozinhar. Gosta de perfumes, como quase todo o sexo frágil. Não fuma, não bebe e dorme cedo. Sempre acorda bem disposta e adora a côr azul. Gosta da música popular brasileira, prefere as seguintes melodias: «Alguém como tu», «Não tem solução» e «Lama».

E como última curiosidade sôbre Noelia Noel, podemos informar que ela acaba de gravar na Continental Discos a sua primeira gravação. Trata-se do bolero de Margarita Lecuona, «Milagro» e «Mi Felicidad», também bolero, de Dilu Mello. Esta, pois, é a história da ex-aluna de «ballet», que por duas vêzes deixou as «calles» e buates portenhas para vir atuar no Brasil.



GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radicativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

★

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. AGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.

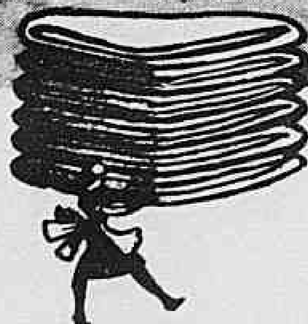


EXCELENTE BAR


AMPLA VARANDA


SALÃO DE REFEIÇÕES





ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»

AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Calda — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte
(do aeroporto a Águas da Prata
30 minutos de automóvel)

TEATRO MÚSICA

De O. de Oliveira

OS MELHORES DO ANO



Rui Afonso, diretor do Teatro Nicete Bruno, lê um trecho de uma das peças que está ensaiando. Vêem-se todos os integrantes do conjunto.

● Na última semana de janeiro serão eleitos os melhores do ano de 1953. Êste, conseqüentemente, é o assunto em foco. Já se reuniu o Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Críticos Teatrais a fim de tomar as medidas preparatórias. Serão eleitos os melhores intérpretes de teatro, cantores, bailarinos, cenógrafos, produtores e diretores. As medalhas serão custeadas pelo Serviço Nacional de Teatro. Nesta reunião, o presidente Lopes Gonçalves deu ciência de várias resoluções do II Congresso Brasileiro de Teatro, recentemente realizado em São Paulo. Com referência ao pleito que se aproxima, ficou resolvido que o voto será secreto. O assunto vem despertando interêsse, conforme sempre ocorre. Diversos órgãos da imprensa já têm manifestado a sua opinião.

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

● Digna de registro foi a atividade da Orquestra Sinfônica no ano passado. A série de concertos efetuada no Teatro Municipal estendeu-se, por várias vêzes, e com êxito, às cidades de São Paulo, Campinas, Santos, etc., em impressionante ritmo. Destacaram-se, entre as suas diversas audições, o «ciclo» de Bach, com a série integral de Bradenburgo. Atuaram diversos solistas como Orgar Borgeth, Souza Lima, Anselmo Zlatopolsky, Fernando Valenti, Ivy Impronta, Janine Reding, Henry Piette e outros. A Associação de Canto Coral prestou admirável contribuição ao «ciclo».

UM NOVO ELENCO BANDEIRANTE: O «TEATRO DE ELITE»

● No Teatro de Alumínio, na capital bandeirante, estreou um novo elenco brasileiro: o «Teatro de Elite». Formado de valores novos, tem trabalhado com grande entusiasmo, e a estréia, com a peça «A camisola do anjo», de Pedro Blóch e João Evangelista, recebeu bons aplausos de público e crítica. Tomam parte no elenco: Ruth Bandeira, Ana Thier's, Marcus Granado, Mário Renard, Onofre Leite, Honório Martinez, etc. A direção dos espetáculos é de Oscar Nimtzovitch e o produtor: Guarany Edu Gallo. Mário Renard foi «descoberto» em um circo e os outros têm a mais variada das origens. Um novo grupamento para o nosso meio.

OS MELHORES DE SÃO PAULO

● A Associação dos Críticos Teatrais de São Paulo distribuiu os prêmios máximos do ano recém findo: Cacilda Becker foi a atriz distinguida e Paulo Autran o ator. Edgar da Rocha Miranda foi o teatrólogo premiado, com a peça «Para onde a terra cresce» e Adolfo Celli o diretor. O prêmio em questão chama-se «O Sacy» e é anualmente oferecido pelo «Estado de São Paulo». Ao lado dêste julgamento, foi também eleita a peça estrangeira melhor realizada e a escolha recaiu em «Antigone», de Sófocles e Anouilh. Aliás, tivemos, em São Paulo, ocasião de assistir à êste belo espetáculo. Por que não se efetua uma nova temporada do Teatro Brasileiro de Comédia, de São Paulo, o melhor conjunto do Brasil, no Teatro Municipal? A única efetuada, com apenas duas peças, tendo sido escolhidas as de menos interêsse, não teve êxito financeiro. Entretanto, impõe-se que os seus grandes espetáculos — «O anjo de pedra», «Antigone», tôdas as peças de Pirandello (admiràvelmente apresentadas), etc. — sejam aplaudidas no Rio.

A GUERRA E O APÓS GUERRA...

(Continuação da pág. 24)

contava com uma fotografia colorida esplêndida, realçando as roupagens e atuando funcionalmente, sobretudo no trecho da batalha. A música de Walton era outro ponto alto da obra.

Em seu trabalho posterior, "Hamlet" (1948), Laurence Olivier torna a revelar seu gôsto pictórico. Cada fotograma do filme era uma artística gravura, e o conjunto uma das mais belas obras do cinema. Olivier conseguiu transmitir em tôda sua fôrça o clima da tragédia de Shakespeare. E para os que afirmam que o filme vale apenas pelo texto shakespeareano, e que não é cinema mas teatro filmado, aí estão as cenas finais, o cortêjo fúnebre de Hamlet, testemunhando o contrário. A câmara de Olivier é eloquente, sem as falas do poeta, apoiando-se apenas na extraordinária música de William Walton, numa das sequências mais poderosas e emocionantes a que nos foi dado assistir.

"Desencanto" (Brief encounter, 1945), de David Lean, destacava-se pela simplicidade de seu cinema e pelo seu profundo sentido humano. E' interessante assinalar que a obra, que tratava de um amor entre pessoas maduras e seus conflitos íntimos, foi mal recebida pelos espectadores mais jovens. O filme era notável, não apenas pela simpatia com que mostrava a fraqueza humana, mas pela exatidão com que retratava os tipos, da classe média inglêsa, e a veracidade do ambiente em que a história se desenrolava. Noel Coward, o autor do cenário do filme, continuou expondo os problemas matrimoniais, notadamente em "Amor ou pecado" "The astonished heart), dirigido por Anthony Darnborough. O filme desenrolava-se num clima de angústia e mal-estar, até o final esmagador, brutal como poucos.

David Lean dedicou-se, a seguir, a adaptações de obras de Dickens, "Grandes esperanças" (Great expectations, 1946), foi uma esplêndida versão da encantadora obra, onde Lean pôde exibir, além de brilhante técnica, sua habilidade em captar o impressionante ambiente e os tipos de Dickens, do empoeirado escritório de Jaggers (ótimo desempenho de Francis L. Sullivan), à estranha mansão de Miss Havisham, e ao esplendor dos salões frequentados por Estela. Em "Oliver Twist", obra inferior a "Grandes esperanças", David Lean não foi tão feliz. O início, esplêndido; mas o nível não era mantido. Havia, entretanto, o excelente desempenho do menino John Howard Davies, que já aparecera em "Sublime inspiração" (The rocking horse winner), de Anthony Pelissier, bom filme que marcou a estréia do ator John Mills como produtor.

"A história de uma mulher" (The passionate friends, 1949), versava sôbre o conflito de uma mulher, entre o amor e o confôrto material. Lean revela surpreendente segurança técnica, e o filme seria excelente, não fôssem alguns pontos de contacto com "Desencanto" a desmerecê-lo um pouco, e "happy-end" um tanto arranjado. A história tinha quase que exclusivamente três personagens; o clássico triângulo, o marido, a mulher e o outro. O grande ator Claude Rains era o marido; Ann Todd, então em lua de mel com David Lean, viveu a espôsa com grande sensibilidade; e Trevor Howard apareceu sincero como sempre.

Em 1947 Alexander Korda voltou a mostrar seu refinamento, em "Um marido ideal" (An ideal husband), de Oscar Wilde. Enquanto Thorold Dickinson fazia-nos passar maus momentos com sua fiel versão da novela de Pushkin "Dama de espadas" (Queen os spades). Neste filme, Anton Walbrook estava, mais uma vez, excepcional.

Pascal continuou filmando as obras de Shaw; na Inglaterra "César e Cleópatra" (1945), com a maravilhosa Vivien Leigh, e ùltimamente em co-produção americana (Androcles e o Leão).

Carol Reed torna-se mais e mais um técnico admirável, enquanto seus filmes se revelam cada vez mais pobres de valores humanos. De "O condenado" (Odd man out, 1947) para "O terceiro homem" (The third man, 1949), pode-se verificar um progresso surpreendente de técnica; do ponto de vista do conteúdo humano, o retrocesso não é menor. Técnico frio, Reed não fêz mais que uma exi-

bição de virtuosismo em "O terceiro homem". Felizmente, em seu último filme, "O ídolo caído" (the fallen idol), mostra-se mais sensível.

Michael Powell, a seu turno, dirige obras brilhantes de espetacular efeito, mas sem propósito construtivo. No conteúdo, embora muito tivessem feito pela arte do "ballet", "Os sapatinhos vermelhos" (The red shoes, 1947) e principalmente "Os contos de Hoffmann" (1951), filmes cosmopolitas, sem as características nacionais.

Já os estúdios Ealing, com Michael Balcon na chefia da produção, têm produzido trabalhos mais interessantes, apesar de menos ambiciosos. Entre êsses se enquadram "Na solidão da noite" (1945) e "A manada" (The overlanders, 1946), extraordinário semi-documentário de Harry Watt. Também "Os irmãos" (The brothers), de David Mac Donald, pinta a realidade inglêsa com sinceridade.

Somerset Maughan, como contista, foi muito aproveitado nestes últimos anos, com "Quarteto" (1949), um grande filme; "Trio", bastante inferior; e "Gigolô e Gigolette" (Encore), cuja última história era decepcionante.

O senso de humor britânico tem se revelado em comédias de alta qualidade, que fazem escola: "As oito vítimas", de Robert Hamer, sátira de delicioso cinismo, digna de Oscar Wilde, onde Dennis Price mostrou-se um ator de extraordinária finura, e Alec Guiness dá um "show" completo, interpretando oito diferentes papéis.

"O mistério da tôrre" (The Lavender Hill mob), de Charles Crichton, narra num tom irresistìvelmente cômico, as divertidas aventuras de um modesto e tímido fiscal e de um pacato amante das belas artes no mundo do crime. Trazia de volta Alec Guiness em grande estilo, ao lado de dois ótimos atores: Stanley Holloway e Alfie Bass.

Um diretor estreante, Alexander Mackendrick, dirigiu outra estupenda comédia, "Alegria a granel" (Whiskey gallore). O filme contava os perigos e peripécias que enfrenta tôda uma aldeia escocesa condenada à sobriedade, quando há notícias de que um navio encalhara na costa, com um carregamento... de whiskey. A comédia sutilíssima passava a dissertar também sôbre os efeitos benéficos que o whiskey tem sôbre os sêres humanos, inclusive fazendo os moribundos voltarem à vida.

Mackendrick já dirigiu outra sátira, "The man on the white suit" com Alec Guiness, que foi saudada pela crítica européia como uma obra-prima no gênero.

Antes de encerrarmos êsse resumo histórico do cinema britânico, desejamos fazer uma menção especial ao cinema documentário da Grã Bretanha, que surgiu muitos anos antes da guerra sob a inspiração de Grierson. A escola documentarista não sòmente produziu obras-primas de curta metragem, como também formou diretores que realizam alguns dos melhores trabalhos do cinema inglês atual. Entre êles destacam-se Robert Hamer, Charles Crichton, Basil Dearden e Harry Watt, para citar apenas alguns. Do documentário êles herdaram o bom gôsto, a concisão, a sinceridade ao lidar com valores humanos, e sobretudo, a habilidade no uso do som.

São êsses e outros que ajudam, com cada novo filme, a consolidar a previlegiada posição que hoje desfruta o cinema inglês no cenário mundial. A história dêsse cinema, de dificuldades superadas e barreiras vencidas, por certo irá inspirar as lutas que outros cinemas de outros países deverão enfrentar. Aí está a determinação de um povo na concretização de um ideal com garantia da vitória.

QUÊDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Há cinqüenta anos
Juventude Alexandre — BELEZA e VIGOR DOS CABELOS

SHAKESPEARE NO CINEMA...

(Continuação da pág 7)

pela descrição, pelo respeito ao texto, pela fôrça de sua atmosfera, pela extraordinária interpretação de Olivier e pela homogeneidade do elenco.

A única qualidade de «Macbeth», de Orson Welles, estava na música, que não era dêle, mas de Jacques Ibert. Welles reconhece ser ator canastrão, podendo-se daí tirar uma média do que foi seu desempenho na tragédia shakespeareana. Além do mais, adaptou o texto alterando-o e inserindo coisa sua. Quanto à forma cinematográfica, nada original, aproveitava o que de mais interessante Eisenstein apresentara, notadamente em «Cavaleiros de ferro». Quanto ao «supporting-cast» era insuportável, bastando dizer que junto a êles, a interpretação de Orson Welles era soberba.

E a carreira do bardo inglês no cinema prossegue. Joseph Mankiewicz acaba de dirigir uma versão de «Júlio César», que vem sendo muito elogiada pela crítica, e que reúne ótimos atores. A interpretação de Marlon Brando, como Antônio, segundo dizem, está excelente; também John Gielgud e Louis Calhern aparecem ótimos. Só foram feitas restrições ao trabalho de James Mason.

Também o diretor italiano Renato Castellani filma atualmente na Inglaterra um monumental «Romeu e Julieta». Depois de muitos testes, escolheu para os papéis principais dois jovens desconhecidos. Esperemos que o empreendimento tenha sucesso.

Porque, apesar de tôdas as dificuldades que implica a adaptação cinematográfica da obra de Shakespeare, onde ou o texto ou o cinema tem de ser sacrificado, suas peças devem continuar sendo filmadas. E isso, apesar do problema provàvelmente nunca chegar a ser resolvido de modo satisfatório.

B É L - H O R M O N
A BELEZA DOS SEIOS
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON
Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......
NOME..............................
RUA.................... Nº.....
CIDADE............................
ESTADO............................
Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

LUDMILLA TCHERINA...

(Continuação da pág. 17)

plina rígida. Para manter seu pêso (52 kg. para 1,64m) toma apenas uma refeição diária e muito raramente se permite o luxo de comer "spaghetti", o seu prato predileto. Faz três horas de exercícios na barra, tôdas as manhãs. A prática de todos os esportes lhe é proibida.

Ludmilla Tcherina não é supersticiosa, e acende três cigarros com o mesmo fósforo. Entretanto, nunca pisa no palco sem antes se persignar... Seu gôsto musical vai dos clássicos ao jazz. Seu passatempo predileto é o desenho. Gosta de ler traduções de romances americanos: "A tree grows in Brooklyn", "Emprise" e todos os romances de Vicky Baum. Diz que não sabe cantar, mas está sempre cantarolando trechos do "Lago do cisne" e "Gisèle".

Com a morte de Edmundo Audran, seu marido, Ludmilla ficou inconsolável. O tempo mais uma vez, serviu de lenitivo. Hoje está casada, e feliz, com um jovem industrial francês.

Tcherina conta que o cinema foi uma das suas primeiras paixões. O ballet é a primeira, naturalmente. Desde sua infância é frequentadora assídua das salas de projeção, onde a sua mãe a levava após os exaustivos exercícios diários para que ela se distraísse um pouco. E suas maiores emoções de espectadora, confessa ela, deve à grande Greta Garbo.

BIGODE
de SENHORAS e VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
FUNDADO 1926
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO
PEÇA PROSPECTOS

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprênder a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO
Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo
Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.
NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

MEDICINA ★ MECÂNICA ★ AVIACÃO ★ ARQUITETURA ★ TESTES

O MAIS COMPLETO E EXATO RETRATO do MUNDO



1953

num desfile sensacional e empolgante

ASTROLOGIA ★ CIÊNCIA ★ RELIGIÃO ★ POLÍTICA ★ LITERATURA ★ HISTÓRIA

ROMANCES ★ TEATRO ★ CINEMA ★ CURIOSIDADES ★ CONTOS ★ NOVIDADES

★ AVENTURAS ★ EX-LIBRIS ★ QUEBRA-CABEÇAS ★ ESTATÍSTICAS ★



Um crítico de teatro...

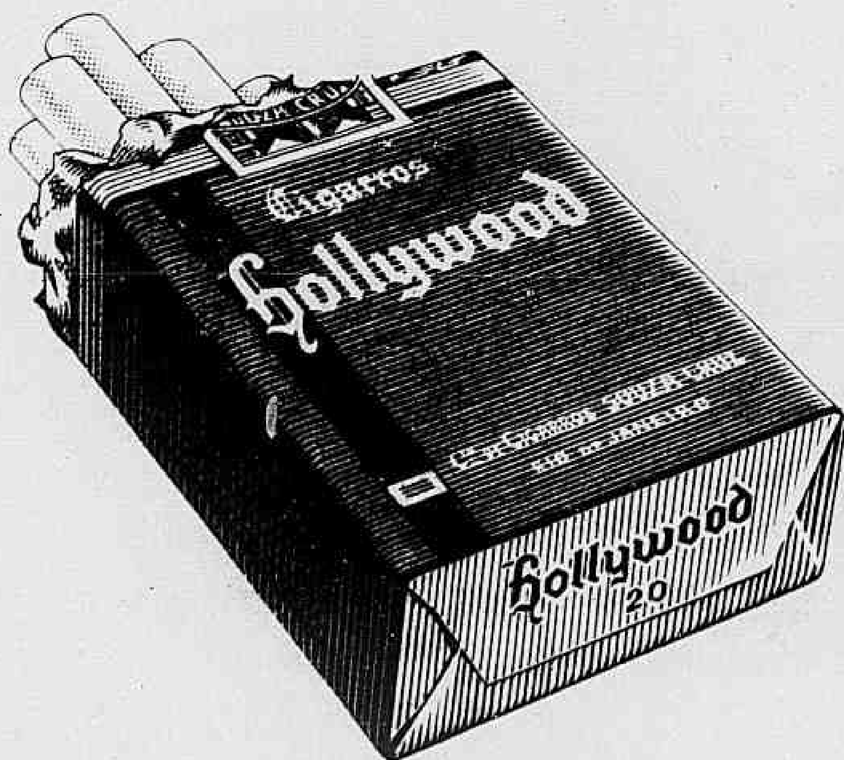
...é aquêle que distingue entre as peças

a que apresenta mais forte expressão

de bom gôsto. Êsse mesmo senso

de discernimento é que leva

os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-BR.244